



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS III
CURSO: LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ANA CÉLIA SANTOS FÉLIX
CÁSSIA DA SILVA SANTOS

A IMPORTÂNCIA DA ESCOLARIZAÇÃO PARA A COMUNIDADE DO
RODEADOURO

JUAZEIRO – BA
2024

**ANA CÉLIA SANTOS FÉLIX
CÁSSIA DA SILVA SANTOS**

**A IMPORTÂNCIA DA ESCOLARIZAÇÃO PARA A COMUNIDADE DO
RODEADOURO**

Trabalho de Conclusão de Curso, Memorial de Produto Pedagógico, apresentado à Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Ciências Humanas - Campus III, como pré-requisito básico para a conclusão do Curso de Pedagogia na disciplina TCCII, sob a orientação da Prof.(a) Ms. Rita Cristina Novais Rios

JUAZEIRO, BA

2024

**ANA CÉLIA SANTOS FÉLIX
CÁSSIA DA SILVA SANTOS**

**A IMPORTÂNCIA DA ESCOLARIZAÇÃO PARA A COMUNIDADE DO
RODEADOURO**

ANA CELIA SANTOS FELIX
CASSIA DA SILVA SANTOS

**A IMPORTÂNCIA DA ESCOLARIZAÇÃO PARA A
COMUNIDADE DO RODEADOURO**

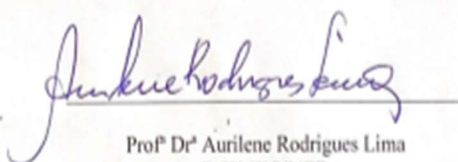
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora do Curso de
Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia - Campus III,
para obtenção do grau de licenciado(a) em Pedagogia.

DATA DA APRESENTAÇÃO: 19/07/2024

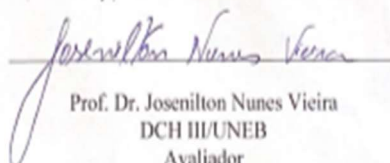
BANCA EXAMINADORA



Prof. Ma. Rita Cristina Novais Rios
DCH III/UNEB
Orientadora



Prof. Dr. Aurilene Rodrigues Lima
DCH III/UNEB
Avaliadora



Prof. Dr. Josenilton Nunes Vieira
DCH III/UNEB
Avaliador

RESUMO

O estudo investigou a situação educacional dos jovens e adultos da comunidade quilombola do Rodeadouro, em Juazeiro da Bahia, com foco na importância da Educação de Jovens e Adultos (EJA) para a formação cidadã e cultural desses indivíduos. A ausência de acesso à educação e os desafios enfrentados pela comunidade foram pontos centrais da pesquisa. A pesquisa foi realizada por meio de entrevistas com 30 moradores da comunidade, com baixo ou nenhum grau de escolarização, buscando compreender suas percepções, expectativas e desafios em relação à educação. O estudo buscou mapear as dificuldades enfrentadas pelos quilombolas em relação à educação, identificando as barreiras que impedem o acesso e a permanência na escola. Os resultados da pesquisa revelaram que a falta de acesso à escolarização impacta significativamente na formação e no desenvolvimento dos indivíduos da comunidade quilombola do Rodeadouro. Diversos fatores, como falta de transporte, discriminação, casamento infantil e gravidez na adolescência, contribuem para a exclusão educacional, dificultando a participação dos moradores na educação formal. Diante dos desafios identificados, a pesquisa ressalta a importância de políticas públicas que garantam o acesso à educação de qualidade para todos os jovens e adultos quilombolas, respeitando sua cultura e identidade. A valorização da Educação de Jovens e Adultos como uma oportunidade de recomeço e realização, aliada ao reconhecimento da história e dos direitos dos quilombolas, é essencial para promover a inclusão educacional e o empoderamento dessas comunidades marginalizadas.

Palavras-chave: Educação; Escolarização; Inclusão Social; Comunidade Quilombola.

ABSTRACT

The study investigated the educational situation of young people and adults in the quilombola community of Rodeadouro, in Juazeiro da Bahia, focusing on the importance of Youth and Adult Education (EJA) for the citizenship and cultural training of these individuals. The lack of access to education and the challenges faced by the community were central points of the research. The research was carried out through interviews with 30 residents of the community, with low or no level of education, seeking to understand their perceptions, expectations and challenges in relation to education. The study sought to map the difficulties faced by quilombolas in relation to education, identifying the barriers that prevent access and retention in school. The research results revealed that the lack of access to EJA significantly impacts the training and development of individuals in the quilombola community of Rodeadouro. Several factors, such as lack of transportation, discrimination, child marriage and teenage pregnancy, contribute to educational exclusion, making it difficult for residents to participate in formal education. Given the challenges identified, the research highlights the importance of public policies that guarantee access to quality education for all young people and quilombola adults, respecting their culture and identity. Valuing Youth and Adult Education as an opportunity for a fresh start and fulfillment, combined with the recognition of the history and rights of quilombolas, is essential to promote educational inclusion and empowerment of these marginalized communities.

Keywords: Education; Social inclusion; Quilombola Community.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL DA COMUNIDADE	9
3. TRAJETÓRIAS DA EJA NO BRASIL: ENTRE AVANÇOS E RETROCESSOS UMA REFLEXÃO NECESSÁRIA	10
3.1 A EJA como Campo de Disputa Para e Com as Minorias	11
3.2 Dados da escolarização da EJA no Brasil	12
4. A IDEIA DE PESQUISA NUMA COMUNIDADE QUILOMBOLA	14
5 METODOLOGIA	15
5.1 A Comunidade do Rodeadouro Como Campo de Pesquisa	15
5.2 Opção da Pesquisa e Pressupostos Teórico- Metodológicos	16
5.3 Extensão temporal e amostra	17
6. ANÁLISE DOS DADOS	21
6.1 O que dizem os retratos das pessoas poucos escolarizadas: Imagens de histórias que se entrelaçam	22
6.2 Resiliência e busca por uma vida digna	34
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
8. A ESCOLARIZAÇÃO COMO UMA OPORTUNIDADE DE RECOMEÇO E REALIZAÇÃO	37
7. ANEXOS	39
REFERENCIA	59

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho foi fruto de uma investigação sobre a situação educacional dos jovens e adultos da comunidade quilombola do Rodeadouro, um local turístico na cidade de Juazeiro da Bahia. O objetivo era compreender como a falta de escolarização impacta na formação cidadã e cultural dessas pessoas.

A ideia de pesquisa surgiu do sentimento de pertencimento à comunidade em que moramos e da necessidade de dar visibilidade para essas pessoas que até hoje são silenciadas e impedidas de dar continuidade aos seus estudos, isso nos fez refletir e olhar para a comunidade como um campo de pesquisa, já que em 2018, o Rodeadouro foi a segunda comunidade dentro da cidade a receber sua certificação de quilombola e como comunidade remanescente tem direito ao acesso à educação escolar quilombola garantidos por lei. Esse reconhecimento, só aumentou em nós, o desejo de ir cada vez mais além nas buscas pelas nossas histórias e consequentemente nossos direitos, que por muito tempo nos foram negados, como a educação básica.

A importância desse tema se justificou pela constatação de que há uma grande parcela de jovens e adultos quilombolas da comunidade que não tiveram acesso à escolarização ou que interromperam seus estudos por diversos motivos, como a falta de escolas na comunidade, a falta de transporte ou transporte inadequado e questões financeiras.

A realidade da comunidade do Rodeadouro é marcada pela falta de escolas de ensino fundamental II, ensino médio e EJA no próprio território quilombola, o que obriga os moradores a se deslocarem para o centro da cidade em busca de educação. A falta da escola dentro da comunidade acaba por afastar os jovens de sua cultura de origem e fazê-los assimilar valores tradicionais das escolas, onde muitas vezes não encontram espaço para expressar ou pesquisar sobre suas raízes. Apenas alguns poucos se interessam em saber mais sobre sua história e sua cultura, mas se deparam com a falta de incentivo e de reconhecimento fora da comunidade.

Para realizar esta pesquisa, foram entrevistados 30 moradores da comunidade com baixo ou nenhum grau de escolarização, buscando entender suas percepções, expectativas e desafios em relação à educação, tanto no presente quanto no passado. Dessas pessoas entrevistadas selecionamos 5 pessoas para darmos andamento a pesquisa, buscando compreender de forma mais clara e objetiva a realidade de cada um deles.

No capítulo 1 apresentamos o contexto histórico e social da comunidade, destacando os seus desafios, cultura e história. No capítulo 2, abordamos a trajetória da EJA no Brasil, trazendo dados da modalidade, mostrando que embora seja um benefício para aquelas pessoas que não tiveram oportunidade de estudar ainda há uma grande evasão por parte desses alunos, buscamos também demonstrar que a Educação de Jovens e adultos pode ser uma alternativa para diminuir o número de analfabetos dentro da comunidade. No capítulo 3, falamos sobre a ideia de pesquisa em uma comunidade quilombola, evidenciando o descaso que essas comunidades sofrem com relação a educação. No capítulo 4, trazemos toda metodologia utilizada para a realização do estudo, bem como as aplicações dos questionários, fazendo uso da etnometodologia. No capítulo 5, trazemos a análise dos dados, mostrando o processo de descoberta e exercício reflexivo com as vozes dos participantes.

Concluindo assim esperamos que este estudo contribua para a construção de políticas públicas que garantam o acesso à educação de qualidade para todos os jovens e adultos quilombolas, com respeito à sua cultura e identidade.

2. CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL DA COMUNIDADE

A comunidade do Rodeadouro, em Juazeiro-BA, é uma comunidade quilombola com uma rica história de resistência e cultura afro-brasileira. Reconhecida como remanescente de quilombo pela Fundação Cultural Palmares em 2018, a comunidade foi a segunda a receber essa certificação no município, após a comunidade do Alagadiço, em 2016. Localizada a 3 km do Rodeadouro, a comunidade do Alagadiço também é um importante símbolo da luta quilombola na região (Santos; Araújo, 2020).

Na infância, eu, Ana Celia, sempre ouvia histórias sobre a origem da comunidade do Rodeadouro contadas por meu avô e pai de Cassia, o senhor Antônio Laurindo, de 72 anos, nascido e criado no local. Segundo ele, a comunidade surgiu com a chegada de escravos à região que se instalaram às margens do Rio São Francisco, onde havia um ponto de parada para os navegantes que iam para Juazeiro. O nome "Rodeadouro" deriva da necessidade de contornar a ilha antes de chegar à cidade, como explica Antônio Laurindo, um dos moradores mais antigos do lugar.

A comunidade do Rodeadouro possui uma forte identidade cultural, manifestada em diversas formas. Entre as tradições, destacam-se o samba de veio, o reisado, as fortes manifestações de fé através das alimentadeiras de alma e penitentes, e a culinária à base de peixes do rio. A comunidade também se dedica à pesca, à agricultura e ao turismo de base comunitária, como no caso da ilha do Rodeadouro.

A ilha é considerada um dos principais pontos turísticos de Juazeiro, por sua beleza natural e infraestrutura de lazer. A ilha tem pousadas, barracas, restaurantes com comidas locais e transporte de barco. É um lugar ideal para aproveitar o pôr do sol, a areia e as águas do Rio São Francisco, a ilha é a principal fonte de renda dos moradores.

A comunidade do Rodeadouro enfrenta diversos desafios para garantir seus direitos territoriais, sociais e culturais. Entre as demandas da comunidade estão a regularização fundiária, a melhoria saúde, saneamento, valorização das tradições quilombolas e por último, mas não menos importante, a educação em específico a educação de jovens e adultos. A comunidade também busca preservar o meio ambiente e os recursos naturais do rio, por meio dos seus próprios moradores que são voluntários.

3. TRAJETÓRIAS DA EJA NO BRASIL: ENTRE AVANÇOS E RETROCESSOS- UMA REFLEXÃO NECESSÁRIA

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino da Educação Básica que busca garantir o direito ao ensino de qualidade daqueles que não tiveram acesso ou não concluíram os estudos em idade regular. A EJA tem um extenso e complexo caminho no Brasil, marcada por avanços e retrocessos que retratam as mudanças sociais, políticas e econômicas do país.

A história da EJA no país começa lá no período colonial, quando as primeiras iniciativas de alfabetização de adultos foram realizadas pelos jesuítas, mas eram bastante limitadas, excluindo grande parte da população, sobretudo os negros que eram escravizados na época. Foi apenas no século XX, com o crescimento das cidades e indústrias, que a EJA ganhou maior relevância, pois existia uma procura por uma força de trabalho mais qualificada e letrada (Ventura; Oliveira, 2020).

Nessa circunstância, apareceram diversos movimentos e experiências de educação popular, influenciados pelas ideias do educador Paulo Freire, que recomendava uma educação crítica, dialógica e emancipatória, voltada para a transformação social e a conscientização dos sujeitos. Um exemplo conceituado foi o Movimento de Cultura Popular (MCP), originado em Recife em 1960, que alfabetizou diversas pessoas e proporcionou uma integração de diferentes áreas, como academia, artes, saúde, trabalho e cidadania (Cardoso, 2020).

Com o início do processo de redemocratização do país, a EJA começou a se recuperar, graças à retomada dos movimentos sociais e à participação da sociedade civil na elaboração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996. A lei (2018, p.9) estabeleceu princípios e diretrizes para a oferta e qualidade da EJA, reconhecendo-a como um direito de todos os cidadãos que não tiveram acesso ou não concluíram a Educação Básica na idade própria, a EJA é uma modalidade de ensino que:

(...) Visa garantir o direito à educação de qualidade a todos os jovens e adultos que não tiveram acesso ou não concluíram a educação básica na idade própria, respeitando suas especificidades, experiências, interesses e demandas, e reconhecendo-os como sujeitos históricos, agentes de sua própria formação e participantes ativos da sociedade.

Apesar desses avanços, a EJA enfrenta muitos desafios e limitações que comprometem sua eficácia e qualidade. Alguns desses desafios são: a baixa prioridade política e orçamentária; a insuficiência e precariedade da oferta; a evasão e abandono escolar; a inadequação dos

currículos e das avaliações; a falta de formação e valorização dos professores; a falta de articulação entre diversas instâncias e setores governamentais; e a falta de participação e controle social (Ferreira; Cunha, 2014).

Por isso, é essencial que a EJA seja vista como uma política pública de estado, e não como uma política de governo, garantindo a continuidade e a sustentabilidade das ações, independentemente das mudanças políticas. Além disso, é imprescindível que a EJA seja concebida como uma educação integral que atenda às necessidades e aos interesses dos sujeitos, considerando sua natureza multifacetada (cognitiva, afetiva, social, cultural, política, ética e estética). Nesse sentido, a EJA deve ser entendida como um direito humano que apoia o desenvolvimento de cidadãos críticos, autônomos e participativos, capazes de interagir e modificar a realidade em que estão inseridos (Neves *et al.*, 2020).

3.1 A EJA como campo de disputa para e com as minorias

Enfrentando questões de classe, raça, gênero, sexualidade, cultura, religião, território e outros elementos que destacam as diferenças e desigualdades entre os indivíduos sociais. Assim, a EJA é uma área de luta para e com as minorias. O espaço que a EJA oferece pode ser um espaço de resistência, emancipação, reconhecimento e valorização de identidades, histórias, saberes e lutas das minorias, que muitas vezes são caracterizadas por discriminação, exclusão da sociedade dominante. A EJA pode igualmente ser um ambiente de reprodução, dominação, negação e desvalorização das minorias, que muitas vezes são enfrentadas pelo currículo, metodologia, avaliação e gestão escolar que não compartilham suas necessidades, suas potencialidades (Dantas; Oliveira; Freitas, 2020).

A EJA é um campo de disputa para e com as minorias segundo Paulo freire (1996) p. 23:

(...) pois nela se confrontam projetos político-pedagógicos distintos, que podem tanto reforçar a subalternidade e a exclusão desses sujeitos, quanto contribuir para sua emancipação e participação social. Nesse sentido, a EJA deve ser entendida como um direito humano, que implica o reconhecimento e a valorização das diferenças e das identidades dos educandos, bem como o respeito à sua autonomia e à sua cultura.

Se faz necessário que haja uma articulação entre os movimentos sociais os educadores os educandos as políticas públicas e as instituições educativas que possibilite a construção de uma proposta pedagógica crítica dialógica, problematizadora, contextualizada e transformadora, que reconheça e valorize a diversidade e a pluralidade dos sujeitos da EJA, que promova uma educação das relações étnico-raciais, que respeite e fortaleça uma educação do campo, que contribua para a formação de novos sujeitos sociais, que denuncie e combata as

opressões e as injustiças, que defenda e amplie os direitos humanos e que vise a construção de uma sociedade mais democrática, mais solidária e mais igualitária (Ferreira, 2021).

3.2 Dados da escolarização da EJA no Brasil

Em termos de inclusão social e promoção da cidadania, a EJA é uma política pública significativa, visto que permite que milhões de brasileiros concluam seus estudos, expandam seus conhecimentos, melhorem as condições de vida e participem da sociedade (Reis Fernandes; Soares, 2021).

Entretanto a EJA ainda enfrenta muitos desafios no Brasil, tais como uma oferta baixa, precariedade, evasão, inadequação, desvalorização e desmotivação. Dados sobre a escolarização da EJA no Brasil revelam que essa abordagem ainda apresenta um longo déficit de cumprimento com as necessidades e demandas dos estudantes. Os dados da escolarização da EJA no Brasil em 2020 foram os seguintes, conforme informados do Ministério da Educação e do IBGE

Havia três milhões de matrículas de EJA no Brasil. As regiões Nordeste e Sudeste são as que possuem o maior número de matrículas nessa modalidade: 1,2 milhão e 938,9 mil, respectivamente (IBGE, 2020).

Do total de matriculados na EJA no Brasil, apenas 1,8% era integrada à Educação Profissional. Cerca de 0,5% das matrículas de EJA de Ensino Fundamental era integrada à Educação Profissional, enquanto o percentual era de 3,6% para a EJA de Nível Médio outras 5,6 % das pessoas com 15 anos ou mais de idade, equivalente a 9,6 milhões de pessoas, eram analfabetas no Brasil. Desse total, 55,3% (5,3 milhões de pessoas) viviam na Região Nordeste e 22,1% (2,1 milhões de pessoas), na Região Sudeste (IBGE, 2020).

53,2% das pessoas com 25 anos ou mais de idade concluíram a educação básica obrigatória, ou seja, possuíam, no mínimo, o ensino médio completo. Já o percentual das pessoas da mesma faixa etária com nível superior completo, era de 19,2%. Cerca de 18% dos jovens de 14 a 29 anos de idade no Brasil, equivalente a quase 52 milhões de pessoas, não completaram o ensino médio, ou porque abandonaram, ou porque nunca frequentaram a escola (IBGE, 2020).

Esses resultados mostram que a EJA não garante o direito à educação de qualidade para seus sujeitos, sendo uma modalidade de ensino marginalizada, subfinanciada, desarticulada e descontextualizada no Brasil. Para que a EJA no Brasil possa atender às demandas, especificidades, potencialidades e interesses dos jovens e adultos que buscam realizar seus

estudos, é necessário que haja uma maior valorização, investimento, articulação e adequação. Além disso é importante que a EJA seja adequada no país. Além disso, contribuirá para a construção de uma sociedade mais democrática, mais solidária e igualitária.

4 A IDEIA DE PESQUISA NUMA COMUNIDADE QUILOMBOLA

As comunidades quilombolas são grupos étnicos que se formaram a partir da resistência dos escravizados no Brasil. Elas possuem uma identidade cultural, histórica e territorial própria, e são reconhecidas como sujeitos de direitos pela Constituição Federal de 1988. No entanto, essas comunidades ainda enfrentam muitos desafios para garantir o seu acesso à educação, especialmente à Educação de Jovens e Adultos (EJA) que é uma modalidade de ensino que visa atender às necessidades educacionais das pessoas que não concluíram os estudos na idade adequada, ou que nunca tiveram oportunidades para frequentar a escola. No texto *Educação Escolar Quilombola: Um olhar sobre a Educação de Jovens e Adultos na Comunidade quilombola de Gavião*, de autoria Leilane Santos Jorge, a pesquisa traz algumas reflexões sobre as lutas dos remanescentes de quilombo referente a educação e destaca:

"A luta dos quilombolas pela educação começou já há algum tempo, muito antes do Brasil passar pelo processo de abolição da escravatura que esse público luta por reconhecimento, respeito e permanência dentro do seu território. Até então, os quilombolas (escravos/negros) não eram considerados seres humanos, logo, não possuíam direitos, apenas deveres, deveres esses que eram longe de ser algo humanizado" (Jorge, 2022, p26)

Atualmente, a educação é um dos direitos fundamentais dos quilombolas, que deve ser oferecida de forma adequada à sua realidade e especificidade. A Constituição de 1988 reconheceu os quilombos como patrimônio cultural brasileiro e assegurou a titulação de suas terras, bem como o acesso à saúde, cultura, lazer, segurança e saneamento básico. Em 2012, foi criada a Educação Escolar Quilombola, uma modalidade que abrange todas as etapas e modalidades da Educação Básica e que requer uma pedagogia própria, respeitando a diversidade étnico-racial e cultural de cada comunidade, a formação específica dos professores, os materiais didáticos e paradidáticos adequados e o currículo baseado na memória, na ancestralidade, na oralidade, na corporeidade, na estética e no etno-desenvolvimento dos quilombolas.

São muitos direitos garantidos e poucos colocados em prática, comunidades quilombolas não possuem sequer o ensino fundamental, que é uma etapa básica da educação. Essa é uma realidade que nós conhecemos de perto, pois esse cenário cerca o Rodeadouro, desde sempre, a falta de uma educação de qualidade. Nós somos negados de direitos básicos, que nos são garantidos por lei, como o acesso à escola, saúde lazer e muitos outros.

5 METODOLOGIA

5.1 A Comunidade do Rodeadouro Como Campo de Pesquisa:

Constatamos que na nossa Comunidade, Rodeadouro, havia “certo índice” de pessoas pouco escolarizadas e outras “analfabetas”, tal fato nos instigou a pensar sobre um problema de pesquisa que contemplasse os conteúdos do Núcleo de Educação de Jovens e Adultos do Curso de Pedagogia da UNEB. Estávamos no 8º Período e desejávamos uma pesquisa que pudesse contribuir com a nossa comunidade e com nosso processo de formação como quilombolas. Sabemos que a escolarização das pessoas é importante para vida mais digna, além de garantia da lei. Queríamos falar sobre a importância da EJA para escolarização na nossa comunidade, percebíamos esta realidade da não escolarização muito próxima dos que convivíamos: tios, avós e amigas que por diversos motivos deixaram de estudar.

Essa baixa escolarização conforme registro das entrevistas limita oportunidades de trabalho, participação social e uma certa invisibilidade, haja visto que a Comunidade do Rodeadouro ainda é tida como um bairro de Juazeiro e até pouco tempo não tinha sequer coleta de lixo. Mesmo sendo reconhecida como “Comunidade Quilombola”, muita coisa ainda precisa ser buscada para que nossa identidade como povo originário seja reconhecido. Uma dessas buscas é o direito a educação, cultura, lazer, saúde, saneamento. Direitos fundamentais garantidos na Constituição de 1.988.

Como dito, a convivência com alguns parentes como tios, tias e conhecidos sem acesso a continuidade dos estudos nos fez questionar: Qual a importância da escolarização para algumas pessoas jovens, adultas e idosas do Rodeadouro? O conhecimento pedagógico da Educação de Jovens e Adultos e a Educação Quilombola num campo multireferencial retratado no texto e na metodologia nos fez trilhar para compreensão do que dizem as vozes e imagens dos entrevistados, pouco escolarizados, quilombolas do Rodeadouro.

5.2 Opção da Pesquisa e Pressupostos Teórico-Metodológicos

A pesquisa é de natureza qualitativa por se tratar do problema específico envolvendo história de vida das pessoas e suas experiências no tocante a escolarização. A pesquisa qualitativa segundo Denzin e Lincoln (2006), desenvolve uma abordagem interpretativa do mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem. A escolha pela pesquisa de cunho exploratório, justifica-se pela necessidade de compreender fenômeno da não-escolarização na comunidade. A exploração do problema nos permitiu descrever os contextos das situações vivenciadas pelos entrevistados. Priorizamos com a descrição a compreensão e contextualização das experiências dos participantes.

Fizemos uso da etnometodologia, segundo Coulon (2017, p. 24), é “a pesquisa empírica dos métodos que os indivíduos utilizam para dar sentido e, ao mesmo tempo, concretizar suas ações cotidianas.” Dar sentido e “concretizar nossas ações no cotidiano” foram nosso contexto através da referência de Cullon princípios fundamentais para desvelarmos o problema que desejávamos saber: qual a importância do processo de escolarização para os jovens, adultos e idosos na comunidade do Rodeadouro? Víamo-nos diante de um dilema que vivenciávamos na Faculdade durante quase todo o Curso de Pedagogia – experimentar a unidade teoria x prática. Como objetivos específicos: quais visaram identificar as causas do processo de não escolarização dos entrevistados; registrar preconceitos ou não por não serem escolarizados e analisar os impactos da não escolarização da vida das pessoas entrevistadas.

O instrumento de pesquisa entrevistas semiestruturada, com cerca de sete a oito perguntas para explorar as experiências e percepções dos participantes de maneira tranquila e do modo que eles pudessem se expor. Esse modo respeitoso, permitiu-nos uma conversa flexível, adaptando as perguntas de acordo com as respostas e adendos dos entrevistados. As entrevistas semiestruturadas possibilitaram capturar narrativas agregadoras e detalhadas, essenciais para compreender as complexidades das experiências educacionais dos moradores. As entrevistas semiestruturadas proporcionaram um meio eficaz para alcançar esse objetivo, permitindo que os entrevistados expressassem suas histórias e perspectivas autenticamente. As perguntas utilizadas para o estudo foram: 1- Quais foram os principais desafios que você enfrentou para frequentar a escola? 2 - Por que você não teve oportunidade de estudar na sua juventude? 3 - Como a falta de educação impactou sua vida e suas oportunidades de trabalho? 4 - Você sente algum tipo de discriminação ou preconceito por não ter tido acesso à educação formal? 5 - Quais são as dificuldades específicas que você enfrenta atualmente por não ter tido

acesso a educação? 6 -Você já tentou retornar aos estudos? Se sim, quais foram os obstáculos encontrados? Se não, o que te impede de buscar essa oportunidade agora? 7. Qual é a importância da escolarização na vida das pessoas, na sua opinião? Como a escolarização poderia melhorar sua realidade e das pessoas da comunidade?

A etnometodologia nos proporcionou e nos trouxe de maneira consciente o sentimento de pertencimento à pesquisa e aos fundamentos da mesma que seria a questão prática e da vida social. Segundo Coulon, “a prática, realização a qual pressupõe uma valorização das atividades cotidianas; a vida social se constitui através da linguagem; a reflexividade a qual pressupõe a equivalência entre descrever e produzir uma interação. ” (COULON, 2017, p. 29-42). Ao longo de suas vidas essas pessoas passaram por diversos desafios, como a falta de transporte para chegar as escolas da cidade, a exclusão social e a falta de oportunidade no mercado de trabalho.

Para analisar os dados, trabalhamos como a análise de conteúdo. A análise identificou padrões, temas e nuances nos relatos dos entrevistados, oferecendo uma visão mais completa das realidades enfrentadas pelos moradores da comunidade. Assim, o percurso metodológico adotado proporcionou uma compreensão aprofundada do fenômeno em estudo, contribuindo para uma análise significativa dos dados coletados.

5.3 Extensão temporal e amostra

A pesquisa foi realizada no segundo Semestre Letivo de 2023, durante os meses de setembro e outubro num trabalho interdisciplinar com as disciplinas de TCC, Estágio Supervisionado IV e Gestão em EJA. Nesta primeira etapa contamos com a colaboração da nossa colega Cassilene. Na amostragem contamos com a colaboração de 30 moradores da comunidade, com baixo ou nenhum nível de escolarização. A faixa etária variava entre 24 e 80 anos. Dentre essas 30 pessoas, somente um homem se dispôs a dialogar conosco.

ETAPAS DA PESQUISA

1ª Etapa – Revisão de Literatura

Na primeira etapa do trabalho fizemos estudo detalhado sobre a Educação de Jovens e Adultos no Brasil e Educação Quilombola, percebemos que a segunda é fruto do descaso das políticas públicas para com os diferentes povos: registra-se os quilombolas, ribeirinhos, indígenas, dentre outros. Na Bahia, por ser território mais negro do Brasil e da América Latina os estudos e pesquisas sobre educação quilombola e das relações étnico raciais tem se destacado

e sido alvo de pesquisas na Academia por parte daqueles que pertencem a esse povo. Registra-se a pesquisa realizada no território de Gavião, de autoria, Leilane Santos Jorge, o estudo analisa o significado e as formas que a educação pode assumir no contexto da singularidade territorial quilombola. Percebemos que a dimensão política do território e as questões sociais, políticas e econômicas estes se fazem presentes, assim como a memória em diferentes aspectos.

Para uma melhor fundamentação das ações foram lidos o artigo: Os desafios da educação quilombola no Brasil: o território como contexto e texto, de Lourdes de Fatima Bezerra Carril, 2017. O texto analisa o significado e as formas que a educação pode assumir no contexto da singularidade territorial quilombola, além de explorar os desafios enfrentados pela educação nesse contexto. O livro: O preconceito contra o analfabeto, das autoras, Maria Clara di Pierro e Ana Maria Galvão. O conteúdo abordado revela o preconceito enfrentado pelos analfabetos, busca valorizar a cultura e o conhecimento desses indivíduos, discutindo como a educação no Brasil ainda precisa ser aperfeiçoada para proporcionar mais acesso ao conhecimento e oportunidades de vida.

Observamos também a dissertação, da autora, Patrícia Gomes Rufino de Andrade, intitulado: A educação no quilombo e os saberes do quilombo na escola, 2012. A obra discute a Educação Quilombola no Estado do Espírito Santo, com foco na comunidade quilombola de Monte Alegre. A autora busca compreender as vivências dos sujeitos na escola e na comunidade, explorando os processos culturais que contribuem para a constituição e afirmação da negritude.

No Rodeadouro, os poucos registros encontrados são de pesquisas da Professora Doutora Márcia Guena, um dos exemplos é o livro “Quilombolas do vale do São Francisco” que traz uma série de pesquisas abordando temas como a resistência, as disputas territoriais e as conquistas das comunidades quilombolas ao longo dos anos, entre elas o Rodeadouro, refletindo sobre a identidade étnica, a cultura e a história dos grupos.

2ª Etapa - Mapeamento de Ruas, Conversas Informais com as pessoas sobre a pesquisa e realização de entrevistas.

Realizamos um trabalho de campo durante o período de duas semanas, entre os dias 18 a 22 de setembro de 2023. Nós visitamos três ruas da comunidade do Rodeadouro, sendo elas: Rua José Balbino, Rua do Campo e Rua São Luiz. Nessas ruas, nós conversamos com alguns moradores que aceitaram participar da pesquisa, e aplicamos um questionário semiestruturado,

com perguntas abertas numa perspectiva de uma conversa mais informal, sobre a sua trajetória escolar e as suas expectativas em relação à EJA.

Nós contatamos que muitas dessas pessoas não haviam concluído os estudos por diversos motivos, tais como: falta de transporte, casamento infantil, gravidez na adolescência, discriminação, falta de incentivo, entre outras questões. Esses motivos revelaram as múltiplas formas de exclusão e impedimento do acesso e permanência na educação continuada/ escola. Identificamos que algumas dessas pessoas tinham o desejo de retomar os estudos, mas enfrentavam algumas dificuldades para se matricular na EJA, ou para se adaptar à metodologia e ao currículo oferecidos em outras escolas que não eram localizadas no local em que moram. Os registros das respostas dos entrevistados nesse primeiro momento foram feitos através de texto e em áudios.

2ª Etapa - Mapeamento de Ruas, Conversas Informais com as pessoas sobre a pesquisa e realização de entrevistas.



FONTE: Ana Célia, 2023.

Rua São Luiz, Rodeadouro.



FONTE: Cassia, 2023.

Rua José Balbino, Rodeadouro.

3ª ETAPA

Para produção de sentido mais detalhada, dos 30 entrevistados na conversa informal, selecionamos 10 pessoas e realizamos uma segunda entrevista com elas, de forma individual e presencial. Nessa entrevista, buscamos conhecer mais sobre a história de vida e as questões que levaram elas a desistirem ou não terem frequentado a escola. Nós também exploramos os impactos causado pela falta da EJA na comunidade em que elas moram, e as suas possibilidades de retorno aos estudos. Deixamos que os entrevistados falassem o que desejassem: as experiências, os sentimentos, as opiniões e suas expectativas. Gravamos as entrevistas em áudio e vídeo, e as transcrevemos para o texto, respeitando a linguagem e o modo de expressão dos entrevistados. Nós também fizemos algumas fotografias das pessoas e dos locais onde elas vivem, com a sua autorização com o intuito de ilustrar e enriquecer a pesquisa.

Elementos físicos, como condições das escolas, dificuldade de acesso e locomoção para os estudos, e acessibilidade das instalações educacionais, foram observados durante as entrevistas, juntamente com dados demográficos relevantes, enriquecendo a compreensão do contexto. A inclusão de uma amostra diversificada e representativa foi fundamental para garantir a validade e relevância dos resultados, permitindo uma compreensão abrangente das percepções e experiências dos moradores em relação à educação. Essa variedade de vozes e perspectivas enriqueceu a análise, possibilitando a identificação de problemas comuns e a compreensão das diversas realidades enfrentadas pelos participantes no contexto educacional da comunidade do Rodeadouro fatos que iremos mostrar no próximo Capítulo.

6. ANÁLISE DOS DADOS

Para análise foram escolhidas cinco entrevistas: Maria Francisca dos Santos, Antônio Laurindo dos Santos, Célia Regina da Silva Santos, Adilza da Silva Santo e Gildete Miranda dos Santos e fizemos uso da obra de Bardin (2011) que trata sobre análise do conteúdo. A escolha dessas pessoas se deu pela percepção da vontade em que eles tinham de expressar seu sentimento e indignação com a falta de escolarização na comunidade em que nasceram e vivem até hoje. Sentimos a necessidade em dar voz, para aqueles que por muitos anos foram silenciados e que carregam a revolta da educação que lhes foram negados.

Na análise constatamos que algumas palavras e ideias se repetiam, trazendo sentido para as vozes dos participantes. Bardin define a análise de conteúdo como um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento que se aplicam a "discursos" (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. Para Bardin a análise de conteúdo é um recurso fundamental para compreender as nuances das entrevistas e extrair informações relevantes. Assim como sugerido por Bardin (1977, p. 133), uma análise de conteúdo permite a dedução de aspectos como a mensagem, o suporte ou canal, o emissor e o receptor, que representam os elementos constitutivos da comunicação.

A opção também se justifica dado ao percurso que Bardin faz o leitor trilhar. A análise de conteúdo nos proporcionou apresentação dos dados num processo de descoberta e exercício reflexivo com as vozes dos participantes. Traz segundo Bardin inferências, as significações (conteúdos), a partir de análise temática, unidades de registro e de contexto. Apresenta características apresentadas pela análise de conteúdo para desvelar os dados com a inferência, as significações (conteúdo), análise temática e suas unidades de registro e de contexto. Para Bardin essas unidades temáticas dão origem a "núcleos de sentido".

. A leitura flutuante, seguida de pré-análise foi importante para construirmos e darmos sentido às categorias presentes no contexto da pesquisa. Os núcleos de sentido, auxiliou-nos para estabelecer as categorias presentes nos discursos: trabalho, destacando-se nessa a questão financeira; infraestrutura com destaque para transporte e o preconceito, relacionado a falta de escolarização; sendo está relacionada a educação.

Um quadro foi construído para dar visibilidade às vozes dos participantes. O exercício reflexivo a partir da leitura sinalizada por Bardin foi importante para percebermos a função social das falas num contexto de exclusão por falta da pouca escolarização. Os trechos das falas foram importantes para dialogarmos com os teóricos e construirmos nossas inferências sobre o

texto e o contexto. Afinal, somos da comunidade e não estamos falando sobre a nossa realidade, mas sim com ela e nosso cotidiano diário.

Trazemos Freire para falar que “ainda há um elemento fundamental na assunção de que falo: o emocional”. (FREIRE, 1996 P.45). Movidas pela emoção de falar de pessoas próximas e com direitos negados nos inquietou muito, trazíamos uma curiosidade que sabíamos não seria fácil desvelar. A leitura de Freire nos para amenizar nossas inquietações e busca para curiosidade que a pesquisa nos movia. Sobre essa questão Freire nos fala da curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos. (FREIRE, 1996 P.35)

6.1 O que dizem os retratos das pessoas poucos escolarizadas. Imagens de histórias que se entrelaçam

NOME: Maria Francisca dos Santos

Idade: 77

Escolaridade:

Profissão: Agricultora aposentada



Tema (Unidade de Registro)	Trechos da Fala do entrevistado (Unidade de contexto)	Inferências
TRANSPORTE	“Eu não tinha pai, meu pai mataram cedo, quando eu nasci eu não tinha pai, minha mãe ficou viúva	Precisava sair cedo de casa e dependia de caronas ou da ajuda de outras pessoas para chegar na escola.

	<p>muito cedo, e ia trabalhar, ‘nós tudo’ trabalhava pra poder a gente sobreviver, eu estudei pouco, não era nem definida a escola, muito pouco, acho que era só o primeiro ano, não tinha condições e tinha que trabalhar desde pequena. ”</p> <p>A falta de educação impactou sua mobilidade e independência, dificultando até mesmo pegar o ônibus.</p>	
FINANCEIRO	<p>“Não pude estudar porque me casei aos 12 anos e logo tive 13 filhos. Não podia sair de casa, precisava trabalhar para sustentar meus filhos. ”</p> <p>A ausência de educação formal limitou suas oportunidades de trabalho e estabilidade financeira.</p>	<p>Casou jovem e teve muitos filhos, o que a obrigou a trabalhar na roça para sustentar a família. Isso limitou suas perspectivas de educação formal.</p>
PRECONCEITO	<p>“Porque quando me pedem para escrever meu nome, não sei como fazer. Isso é um problema para mim. ”</p> <p>A vergonha de não saber ler e escrever é compreensível, e a sociedade muitas vezes discrimina pessoas nessa situação.</p>	<p>A falta de educação formal a faz sentir-se inferior em algumas situações. Ela percebe olhares e julgamentos por não saber ler ou escrever, até mesmo dentro da igreja que frequenta.</p>
AUSÊNCIA DA ESCOLA	<p>“Eu nunca consegui, depois dos meus filhos ficarem maiores, porque eu já to velha, não tenho mais paciência para isso. ”</p> <p>O casamento precoce e a necessidade de trabalhar impediram que você continuasse seus estudos.</p>	<p>Maria Francisca nunca teve a oportunidade de aprender a ler e escrever. Ela sente vergonha por não conseguir ler a Bíblia na igreja e enfrenta dificuldades em situações cotidianas, como assinar o próprio nome.</p>

NOME: ANTÔNIO LAURINDO DOS SANTOS

Idade: 76

Escolaridade: ensino fundamental incompleto

Profissão: Barqueiro



Tema (Unidade de Registro)	Trechos da Fala do entrevistado (Unidade de contexto)	Inferências
TRANSPORTE	"Primeiro era aquela de você não ter material escolar, tinha que ser muita das vezes dividindo os livros, quem tinha dividia com quem não tinha, que nem o caso mesmo muitas vezes mãe não podia comprar, ai a gente era obrigado a compartilhar com os outros, e ai era aquela, não tinha sala de aula, muitas vezes era uma casa alugada, dos próprios moradores, como não tinha uma sala de aula completa a gente tinha que levar banco, cada um levava seu banco."	Descreve a dificuldade de frequentar a escola na sua juventude, incluindo a falta de transporte. Caminhar longas distâncias e levar seu próprio banco para a sala de aula. A ausência de uma estrutura escolar completa também era um desafio.
FINANCEIRO	"Sim, essa foi uma das maiores faltas na minha juventude, foi não ter uma formação nem ao menos técnica, porque a gente aqui só tinha a escola como era chamado até o quarto ano do fundamental."	A falta de material escolar era uma realidade para muitos, e a necessidade de compartilhar livros e bancos com outros colegas era comum. A ausência de recursos financeiros afetava diretamente o acesso à educação.

PRECONCEITO	"Não, graças a Deus eu tive a oportunidade de me relacionar bem com o pessoal da cidade. A única vez que fui discriminado foi aqui na ilha do Rodeadouro mesmo, quando um visitante se fez de entendido e perguntou sobre faculdade. Eu fui obrigado a dizer a ele que não tinha faculdade, mas tinha o quarto primário e sabia bem onde eu pisava."	Felizmente, você não sentiu preconceito por não ter tido acesso à educação. No entanto, houve um episódio em que alguém se mostrou superior por ter frequentado a faculdade, mas você soube se posicionar e valorizar sua própria trajetória educacional.
AUSÊNCIA DA ESCOLA	"Rapaz, eu não tentei não. Muitas vezes pensei em voltar, mas depois percebi que tinha que continuar trabalhando porque tinha muitos filhos para sustentar. Acabei priorizando o trabalho."	A falta de oportunidades de estudo na juventude impactou sua vida. Apenas ter concluído o quarto ano do ensino fundamental limitou suas perspectivas. A ausência de uma formação mais completa afetou suas oportunidades de trabalho e desenvolvimento pessoal.

NOME: CÉLIA REGINA DA SILVA SANTOS

IDADE: 67 ANOS

PROFISSÃO: COZINHEIRA

ESCOLARIDADE: ENSINO FUNDAMENTAL INCOMPLETO



Tema (Unidade de Registro)	Trechos da Fala do entrevistado (Unidade de contexto)	Inferências e interpretações
TRANSPORTE	"Os obstáculos eram muito, até porque não tinha escola onde a gente morava e a gente tinha que se deslocar caminhando de pés que também não tinha transporte e na escola não tinha nem sequer uma cadeira para a gente sentar a gente tinha que levar o banquinho da gente na cabeça, então os obstáculos eram esses mas a gente tirava de letra né que a gente já estava acostumado a gente se diverte até com a viagem."	Enfrentou diversos desafios para frequentar a escola na sua juventude. A falta de transporte adequado e a necessidade de caminhar longas distâncias foram obstáculos reais.
FINANCEIRO	"A gente não teve oportunidade, eu não tive oportunidade na verdade de estudar na minha Juventude porque naquela época a gente precisava trabalhar ou era estudar ou trabalhar, então meu pai optou pelo trabalho e a gente também tem que trabalhar não é, então a gente não teve oportunidade de estudar na Juventude o problema era esse que a gente tem que trabalhar para ajudar comprar a comida para botar dentro de casa."	A necessidade de trabalhar para ajudar a sustentar a família foi um fator determinante para não ter tido a oportunidade de estudar na sua juventude. Infelizmente, a escolha entre trabalho e estudo era comum naquela época.

PRECONCEITO/DISCRIMINAÇÃO	"Eu nunca senti preconceito e nem discriminação por não ter de tudo graças a Deus, nunca sofri nenhuma das duas coisas, nem preconceito nem discriminação."	Felizmente, nunca senti preconceito ou discriminação por não ter tido acesso à educação.
AUSÊNCIA DA ESCOLA	"A falta de estudo na minha vida teve um grande impacto. Mesmo que eu tenha conseguido trabalhar em alguns empregos, na verdade, nunca tive um emprego melhor por causa da falta de estudo. Parei de estudar na quarta série porque não tínhamos condições de eu estudar em Juazeiro. Naquela época, não tínhamos transporte disponível e não tínhamos dinheiro para pagar a passagem. Simplesmente não tínhamos condições, e esse foi o problema."	A falta de estudo impactou sua vida, mesmo que tenha conseguido trabalhar em alguns empregos. No entanto, a falta de estudo limitou suas oportunidades e impediu que alcançasse empregos melhores.

Nome: Adilza da Silva Santos

Idade: 48 anos

Profissão: Agricultora

Escolaridade: Ensino Fundamental Incompleto



Tema (Unidade de Registro)	Trechos da Fala do entrevistado (Unidade de contexto)	Inferências
TRANSPORTE	"Um dos maiores desafios para frequentar a escola foi ter que sair daqui do Rodeadouro e pegar um carro na BR 210. A gente tinha que sair daqui bem cedinho, porque o rapaz que o pai falou só passava lá e às vezes ele não esperava a gente. Às vezes, tínhamos que depender do que os meninos trouxessem para nós de bicicleta, ou então, uma vez, eu e Cláudia viemos a pé."	Descreve a dificuldade de frequentar a escola, incluindo a necessidade de sair cedo de casa e depender do transporte disponível. A falta de infraestrutura de transporte adequado afetava toda comunidade.
FINANCEIRO	"Não tive oportunidade de estudar na minha juventude porque meus pais não tinham condições de pagar dois lugares para nós ficarmos. Ele tinha que colocar comida dentro de casa, e só havia escola em Juazeiro. Não tinha	A falta de condições financeiras também impactou sua oportunidade de estudar. Seus pais não podiam pagar por dois lugares, e a escola em Juazeiro estava fora de alcance. Isso afetou suas perspectivas e sua

	como eu ir para Juazeiro sem ter com quem voltar todos os dias, e também não tinha com quem morar lá."	capacidade de se inscrever em atividades como obter crédito em lojas.
PRECONCEITO	"Sim, porque só estudei até a quinta série. Então, quando vou fazer algum tipo de cadastro, como mencionei antes, sinto-me um pouco inferior. Sempre que quero fazer um cartão de crédito, é difícil explicar devido à falta de estudo."	Mencionou sentir-se inferior devido à falta de estudo. Infelizmente, a falta de acesso à educação pode levar a preconceitos e olhares discriminatórios.
AUSÊNCIA DA ESCOLA	"Hoje em dia, não tanto, mas quando faço uma inscrição para alguma coisa ou tento fazer um cadastro para ter crédito na loja, percebo alguns olhares das pessoas e me sinto um pouco discriminada."	A ausência da escola na sua juventude teve consequências em sua vida. Hoje, sente a falta de educação ao fazer inscrições ou tentar obter crédito.

Nome: Gildete Miranda dos Santos
Idade:38
Escolaridade: Ensino fundamental incompleto
Profissão: Garçonete



Tema (Unidade de Registro)	Trechos da Fala do entrevistado (Unidade de contexto)	Inferências
TRANSPORTE	A dificuldade que enfrentei para frequentar a escola foi principalmente a distância. Aqui em Rodeadouro, na escola Maria Monteiro Bacelar, só havia ensino até o quinto ano, que antigamente correspondia à quarta série. Após esse período, para continuar estudando, era necessário ir para Juazeiro. O transporte até lá era escasso, havia apenas um ônibus que pegava os alunos perto do campo dos cavalos, além de um carro de Pelé."	A dificuldade de acesso à escola devido à distância e à falta de transporte adequado. Isso ressalta a importância de infraestrutura e logística para garantir que todos tenham oportunidades iguais de educação.
FINANCEIRO	"O desafio de chegar à escola era grande, desde as condições financeiras até as questões básicas como a merenda escolar. Às vezes, saíamos de casa sem tomar café da manhã, na esperança de	A falta de recursos financeiros foi um obstáculo significativo. A necessidade de trabalhar para sustentar sua família muitas vezes se sobrepôs à possibilidade de continuar seus estudos.

	recebermos a merenda na escola. No entanto, muitas vezes essa merenda não estava disponível e chegávamos em casa famintos."	
PRECONCEITO	<p>"No ano passado, me senti muito mal porque uma pessoa, que agora faz parte da alta sociedade, fez uma pergunta que me deixou desconfortável. Eu havia mencionado que parei de estudar no primeiro ano do ensino médio. Então, ela questionou se eu não pensava no futuro, se eu poderia aspirar a cargos políticos ou trabalhos melhores. Fiquei sem graça, mas aceitei o comentário."</p> <p>- "Mais tarde, em uma reunião, encontrei duas meninas que estavam estudando agronomia. Quando uma delas mencionou isso, a pessoa que havia me feito a pergunta anteriormente olhou para mim e disse algo como 'parabéns, pelo menos você, com mais de 30 anos, está lutando'. Senti que aquilo foi uma indireta para mim, insinuando que eu não estava fazendo nada para melhorar minha situação."</p>	Compartilhou experiências de preconceito e discriminação relacionadas à falta de conclusão no seu processo de escolarização.
AUSÊNCIA DA ESCOLA	"Eu sonhava em ter uma profissão, em me formar e depois cursar uma faculdade ou um curso técnico. Meu desejo era ser técnica de enfermagem e, posteriormente, cursar enfermagem na faculdade. Essa falta de educação teve um impacto profundo	A não conclusão dos estudos afetou seus sonhos e aspirações. Mencionou o desejo de ser técnica de enfermagem e cursar enfermagem na faculdade. Essa ausência de educação teve um impacto profundo em sua vida e em suas oportunidades.

	<p>em mim. Não consigo nem expressar totalmente o quão grande foi esse impacto."</p> <p>"Se pudesse voltar atrás, muitas coisas eu mudaria, principalmente em relação aos estudos. A educação é algo que eu valorizo muito e percebo agora o quanto ela é essencial para alcançar meus objetivos e realizar meus sonhos."</p>	
--	---	--

Observamos 5 entrevistas, sendo que, na primeira entrevista, uma aposentada de 77 anos, Maria Francisca dos Santos, compartilha sua história de dificuldades desde cedo, incluindo a ausência do pai, um casamento precoce e a impossibilidade de estudar devido à responsabilidade com os filhos. Ela expressa vergonha por não saber ler e incentiva seus familiares a valorizarem a educação. Outro aposentado de 74 anos chamado Antônio Laurindo dos Santos relata sua infância marcada pela falta de material escolar adequado, salas de aula precárias e a necessidade de trabalhar na roça. Ele lamenta a escassez de oportunidades educacionais e enfatiza a importância da escola para melhorar a vida das pessoas. Célia Regina da Silva Santos expressa sua indignação com a falta de escolarização, e lamenta as oportunidades que não apareceram para ela. Adilza da Silva Santos é uma agricultora, que casou muito cedo e como consequência teve a gravidez na adolescência, ela se sente culpada por não ter terminado os estudos, mas reconhece que sua maior dificuldade foi a falta de escola na sua comunidade. Por fim, Gildete Miranda dos Santos, uma garçonete de 38 anos, fala sobre os obstáculos enfrentados para frequentar a escola, como a distância e dificuldades financeiras. Ela teve que interromper os estudos após engravidar jovem e lamenta não ter realizado seus sonhos profissionais devido à falta de acesso à educação e ao preconceito sofrido.

Em suma, as entrevistas nos aprestaram um leque de faces da realidade vivenciada por essa gente, pertence de uma comunidade quilombola do vale do São Francisco. Com grande evidências destacamos que o analfabetismo e a grande presença dos dados mencionados pelos entrevistados desafios socioeconômicos, como: a falta de oportunidade de trabalho, dificuldade de acesso a uma renda justa, além disso, podemos mencionar os impactos causados na autoestima com baixo rendimento no seu dia a dia.

As entrevistas evidenciam os variados motivos das interferências da escolarização, até mesmo alfabetização, um dos pontos em comum foi a falta de escola na comunidade, onde os mesmos tinham que deslocar de suas casas até outra comunidade, apesar de oferta acesso à educação, direito por lei, não eram ofertados apoio e auxílios a permanências nas escolas. Segundo as autoras Galvão e Di Pierro (2007, p.46) “O analfabetismo é visto não como causa da situação de pobreza, mas como efeito de uma sociedade injusta e não igualitária. Por isso, a alfabetização de adultos deveria contribuir para a transformação da realidade social. ”

Seguindo esse pensamento, a falta de políticas afirmativas de acesso permanência desses alunos na escola, diminuindo ainda mais as chances das camadas pobres permanecer e finalizar as etapas da educação básica. A falta de educação formal de qualidade, traz restrições como, oportunidades de emprego, e valorização do seu trabalho, o preconceito sofrido por essas pessoas em inúmeras áreas de sua vida, muitas vezes mães solas, que vivem sem condições de criar seus próprios filhos. Muitas dessas mães passam por discriminação, ficam presas a empregos informais e mal remunerados por não saber ler e escrever.

Outro ponto que podemos mencionar em nossas análises como o analfabetismo é muitas vezes associado a estigmas sociais, de acordo a isso as autoras pontua que “Podemos inferir, também, que a relação que as pessoas, de modo geral, tem com o analfabeto é mediada por preconceitos, por pré-julgamentos, por estigmas. (Galvão e Di Pierro,2007, p.10) ”, além de serem vítimas de falta de políticas de permanência, são vítimas do preconceito, por meio de reflexões aprofundadas e exemplos concretos, a obra busca sensibilizar o leitor para a necessidade de promover uma cultura mais inclusiva, respeitosa e igualitária em relação às pessoas que enfrentam o desafio do analfabetismo.

Além disso, outro fator marcante é necessidade de levar alimento para mesa, para os filhos, até mesmo ajudar a criar os irmãos mais novos, além da distância da escola para casa, sendo assim um dos pontos que imperam a finalização dos estudos, para as outras a “O trabalho precoce na lavoura, as dificuldades de acesso ou a ausência de escolas na zona rural impediram ou limitaram os estudos dessas pessoas na infância e adolescência (Galvão e Di Pierro,2007, p.16). ”

O livro traz ainda a importância da educação inclusiva, do combate ao preconceito e da valorização das múltiplas formas de inteligência e conhecimento presente em nossa sociedade. Como o preconceito afeta na inclusão dessas pessoas no mercado de trabalho e como a educação é de extrema importância para romper essa barreira. Analisando as entrevistas, percebemos cicatrizes deixadas nessas pessoas, desânimo e uma certa tristeza por sofrerem discriminação

ao longo da vida em várias áreas, mas seguem tentando mudar a realidade de se e da comunidade do Rodeadouro.

6.2 Resiliência e busca por uma vida digna

A não escolarização na comunidade do Rodeadouro tem reflexos negativos na vida das pessoas, pois limita as suas oportunidades de trabalho, de renda, de cultura, de lazer e de reconhecimento social. A não escolarização também afeta a autoestima, a autoconfiança, a autonomia e a dignidade das pessoas, que muitas vezes se sentem excluídas, discriminadas e oprimidas pela sociedade dominante. A não escolarização ainda compromete a preservação da memória, da identidade e do território quilombola, que dependem da transmissão e da valorização dos saberes, das práticas e das tradições da comunidade.

É preciso que haja uma maior valorização, investimento, articulação e adequação da educação no Rodeadouro, para que ela possa atender às demandas, às especificidades, às potencialidades e aos interesses das pessoas. Desde 1988 entrou em vigor a nossa constituição federal que nos assegura de todos os direitos como cidadão, e conforme o Art. 205 vem ressaltar “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. ”

As falas dos entrevistados revelam os sentimentos que estavam guardado com eles durante todas as etapas de suas vidas, é como se essas pessoas estivessem esperando ansiosamente para colocar para fora todos os seus anseios e angustias, ouvir e expressar as histórias dessas pessoas faz com que tenhamos um pouco mais de empatia pelo próximo, saindo um pouco da bolha onde estamos inseridos.

Dona Francisca, é um exemplo de resiliência e perseverança, e sua história nos lembra da relevância da educação na transformação de vidas na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Seu Antônio, simboliza determinação, mesmo diante das dificuldades enfrentadas por ele, nunca tirou o sorriso do rosto, mas nos lembra que nunca foi e nem será fácil lidar com todos seus direitos e oportunidades sendo negados. Dona Célia, é uma mulher forte e corajosa, teve a infância marcada pela não escolarização e pelo trabalho infantil, fazendo carvão para contribuir nas despesas de casa desde os oito anos de idade. Sua coragem e determinação é inspiração para seus filhos, netos e bisnetos. Gildete reconhece a importância da escola na vida das pessoas e admira aqueles que buscam educação mesmo após terem filhos. Para Gildete, o estudo é essencial para transformar vidas e abrir portas para um futuro melhor

e ela continua a valorizar a busca pelo conhecimento. Na opinião de Adilza, a escolarização é essencial para o sucesso na vida e quanto mais conhecimento se adquire, mais oportunidades surgem. Ela diz que a educação não apenas melhoraria sua própria realidade, mas também a de outras pessoas.

Seguindo esse pensamento, o livro “Preconceito contra o Analfabeto” de Galvão e Di Pierro (2007), discutem o impedimento de acesso igualitário a educação e a diversas oportunidades, e profunda a questão do preconceito enfrentado por pessoas que não possuem habilidades de leitura e escrita, explorando as diversas formas de discriminação e estigmatização enfrentadas pelos analfabetos em diferentes contextos sociais, evidenciando as consequências negativas desse preconceito em suas vidas.

Nessa perspectiva, Galvão e Di Pierro (2007), corrobora com nossa visão que o que o preconceito contra o analfabeto contribui para uma perpetuação da falta de escola com séries avançadas, criando uma corrente de desvantagens. Apesar de grandes avanços no sistema educacional, as gerações seguintes enfrentam as mesmas barreiras dos seus antepassados, como a falta de oportunidade e as limitações do desenvolvimento profissional e pessoal.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pudemos observar nos capítulos anteriores é algo que embora assegurado, a educação não é valorizada pelos governantes. No Rodeadouro é escancarada a falta de políticas públicas adequadas em torno da comunidade. Para além da educação, observamos que durante as entrevistas algo que mexe com a autoestima dos entrevistados é a falta do trabalho adequado e de qualidade, relatando que muitas vezes são obrigados a aceitarem empregos mal remunerados devido a não escolarização, pois para muitos empregadores, pessoas capacitadas são aquelas que já concluíram seus estudos.

Durante todo trabalho, percebemos o quanto a falta de escolarização afeta significativamente a vida dos entrevistados, trazendo inseguranças em todas as áreas, seja no ciclo familiar ou social. Essa situação reflete não somente a realidade enfrentada por moradores do Rodeadouro, mas também é vista em diversas comunidades rurais e quilombolas, onde o acesso à educação é frequentemente limitado por circunstâncias sociais que cercam as comunidades até hoje.

Nas entrevistas os moradores revelaram as suas dificuldades enfrentadas e destaca o grande papel da educação como agente de transformação social. Ao mergulharmos nessas perspectivas dos sujeitos entrevistados, podemos aqui mencionar os desafios que a população desta comunidade enfrenta diariamente, pela falta de acesso a ensino.

A desigualdade para com os participantes da pesquisa e de todos os moradores do Rodeadouro é gritante, oportunidades de trabalhos lhes são negadas todos os dias, além disso os entrevistados sentem vergonha de fazerem coisas básicas como por exemplos, entrar em lojas para fazer compras, pegar o transporte público e até mesmo ir em consultas médicas nos postos de saúde, pois enfrentam olhares discriminatórios nos ambientes citados.

O trabalho revela histórias que por muitos anos foram silenciadas, e traz a tona uma realidade que muitos de vocês, leitores, não estão acostumados, em pleno 2024 falar em não escolarização é um assunto muito delicado e que deve ser abordado frequentemente, para que essas pessoas não sejam esquecidas.

8. A ESCOLARIZAÇÃO COMO UMA OPORTUNIDADE DE RECOMEÇO E REALIZAÇÃO

Neste capítulo, eu, Cassia, vou contar a minha trajetória de vida e como a Educação de Jovens e Adultos (EJA) foi fundamental para a minha transformação pessoal e profissional. Eu nasci e cresci na comunidade quilombola do Rodeadouro, no município de Juazeiro, na Bahia. Lá, as oportunidades de trabalho e estudo eram escassas, e eu só podia sonhar com uma vida melhor.

Aos 14 anos, eu me casei com um homem que me levou para o sul do país, onde ele dizia que havia mais chances de prosperar. Eu aceitei ir com ele, pensando que poderia me tornar alguém melhor. Chegamos lá e eu comecei a trabalhar como costureira, sem ter nenhuma experiência na área. Era um trabalho duro e mal remunerado, mas eu não tinha muita escolha. Eu me acomodei com os estudos e não procurei concluir o ensino médio, que eu havia interrompido no Rodeadouro. Foi assim que passei mais de 10 anos sendo costureira, sem perspectivas de mudança.

Depois de mais de 10 anos longe do Rodeadouro, eu me separei do meu marido e decidi voltar para a minha comunidade. Lá, eu comecei uma nova vida, com mais liberdade e autonomia. Foi então que eu tomei uma decisão importante: eu iria voltar a estudar e buscar uma formação superior. Eu me matriculei na EJA do Colégio Estadual Hildete Lomanto, onde cursei o primeiro e o segundo ano do ensino médio. Foi um desafio para mim, pois eu já não estava mais acostumada com o ambiente escolar, mas eu me esforcei e consegui concluir o ensino médio no ano de 2017.

No ano seguinte, eu participei do cursinho da UPT (Universidade para Todos), que era ofertado na comunidade quilombola do Alagadiço. Lá, eu me preparei para o vestibular da UNEB (Universidade do Estado da Bahia), onde eu queria cursar pedagogia. Eu me inscrevi no vestibular e consegui passar. Eu chorei de alegria, pois para mim entrar na faculdade era algo impossível.

Hoje, eu sou graduanda de pedagogia e trabalho como auxiliar de professora em uma escola particular da cidade. Não quero menosprezar outras profissões, mas foi um grande avanço para mim que trabalhava como costureira desde os meus 15 anos de idade poder ter uma profissão que me realiza.

A EJA mudou a minha vida e poderia mudar a de muitas outras pessoas se fosse ofertada na minha comunidade do Rodeadouro. Pois assim como eu enfrentei diversas dificuldades em

sair daqui pegar ônibus, pagar passagem, poderia ter sido uma experiência mais prazerosa se eu pudesse estudar perto da minha casa e da minha cultura.

Já eu, Ana Celia, tive a oportunidade de concluir os meus estudos no tempo regular, mas não foi fácil. Como moradora do rodeadouro, dependia de transporte público para chegar até a escola, o que muitas vezes era demorado e cansativo. Mesmo assim, eu não desisti dos meus objetivos e consegui concluir o ensino médio no ano de 2016, no colégio estadual Hildete Lomanto. Foi uma grande conquista para mim e para a minha família.

A minha relação com a EJA se deu pelas escolhas que fiz na faculdade, quando escolhi esse núcleo para me aprofundar. Eu sempre tive interesse pela educação de jovens e adultos, pois vi de perto como ela pode mudar a vida das pessoas. A minha mãe, por exemplo, precisou da EJA para terminar os seus estudos, pois ela teve que interromper a sua trajetória escolar por causa das responsabilidades de trabalhar, cuidar da casa e dos seus dois filhos. Ela sempre teve o desejo de voltar à sala de aula, mas enfrentava as dificuldades de morar numa comunidade onde só tinha escola até o primário. Ela se viu obrigada a deixar o seu lar, marido e filhos para correr atrás das oportunidades em outro lugar. Foi um sacrifício muito grande, mas com a EJA ela conseguiu concluir a sua educação básica, me orgulho muito da minha mãe e da sua força de vontade.

A EJA é uma modalidade de ensino que oferece uma segunda chance para aqueles que não puderam estudar na idade certa. Ela também é uma forma de valorizar os conhecimentos e as experiências dos jovens e adultos que buscam na educação um meio de se desenvolverem pessoal e profissionalmente. Eu acredito que a EJA é muito importante para a sociedade e por isso eu quero me dedicar a ela na minha comunidade, para que mais pessoas possam fazer parte dessa baixa estatística.

7. ANEXOS

ENTREVISTAS REALIZADAS

1 – IDENTIFICAÇÃO

NOME: MARIA FRANCISCA DOS SANTOS

IDADE: 77 ANOS

PROFISSÃO: APOSENTADA

ESCOLARIDADE: ENSINO FUNDAMENTAL INCOMPLETO

Rua: São Luiz

Dia da entrevista: 26/10/2023

2 – QUAIS FORAM OS PRINCIPAIS DESAFIOS QUE VOCÊ ENFRENTOU AO FREQUENTAR A ESCOLA?

Eu não tinha pai, meu pai mataram cedo, quando eu nasci eu não tinha pai, minha mãe ficou viúva muito cedo, e ia trabalhar, “nós tudo” trabalhava pra poder a gente sobreviver, eu estudei pouco, não era nem definida a escola, muito pouco, acho que era só o primeiro ano, não tinha condições e tinha que trabalhar desde pequena.

3 – POR QUE VOCÊ NÃO TEVE OPORTUNIDADE DE ESTUDAR NA SUA JUVENTUDE?

Sinto muito desgosto por não saber ler. Nunca aprendi. Quando vou à igreja, como sou crente evangélica, sinto vergonha de não conseguir ler a Bíblia. Não consigo abrir o livro para ler, só olho se alguém o fizer para mim. Não sei cantar como os outros congregantes, nem fazer uma oração tão boa quanto eles. Minha maior vergonha é essa dificuldade que tenho.

Não pude estudar porque me casei aos 12 anos e logo tive 13 filhos. Não podia sair de casa, precisava trabalhar para sustentar meus filhos. Meu marido tinha 20 anos quando nos casamos, e eu tinha apenas 12. Minha vida foi assim por muito tempo, trabalhando na roça para garantir o sustento da minha família

3 - COMO A FALTA DE EDUCAÇÃO IMPACTOU SUA VIDA E SUAS OPORTUNIDADES DE TRABALHO?

Eu tenho vergonha de não saber pegar nem o ônibus do Rodeadouro, que eu não sei ler, não sei fazer meu nome, nem conheço o ônibus do rodeadouro, eu tinha que andar com uma

pessoa, ou então eu vinha parar no terminal para pegar o ônibus, era uma vida boa se eu tivesse conseguido, mas não, minha vida toda foi de sofrimento, toda vida uma peleja.

4 – VOCÊ SENTE ALGUM TIPO DE DISCRIMINAÇÃO OU PRECONCEITO POR NÃO TER TIDO ACESSO A EDUCAÇÃO FORMAL?

Porque quando me pedem para escrever meu nome, não sei como fazer. Isso é um problema para mim. Além disso, há outras coisas que agora são diferentes do passado. Naquela época, não era como hoje. O que mais mudou um pouco foi a pobreza, as pessoas não ignoravam tanto os mais pobres como hoje em dia. Mas nunca tive isso, não apenas por isso. Não gostei porque não sei ler, não sei escrever. Sinto que não é isso.

5 – QUAIS AS DIFICULDADES ESPECÍFICAS QUE VOCÊ ENFRENTA ATUALMENTE POR NÃO TER TIDO ACESSO A EDUCAÇÃO?

Eu nunca pude, porque eu era trabalhadora de roça. Eu ia trabalhar mesmo em dias muito frios. Casei-me nova, aos 12 anos. Posso dizer que minha vida foi difícil. Casei-me aos 12 anos e não tinha condições de estudar. Minha vida sempre foi financeiramente difícil, e até hoje é assim.

6- VOCÊ JÁ TENTOU RETORNAR OS ESTUDOS? SE SIM, QUAIS FORAM OS OBSTÁCULOS ENCONTRADOS, SE NÃO O QUE TE IMPEDE DE BUSCAR ESSA OPORTUNIDADE AGORA?

Eu nunca consegui, depois dos meus filho ficarem maiores, porque eu já to velha, não tenho mais paciência pra isso, me convidam mas eu não consigo, minha vista também está ruim e meus ouvidos também, aí eu não tenho condições de me tratar cuidar, aí eu não consegui aí seu também sinto por isso eu não tenho conseguido.

7- QUAL A IMPORTÂNCIA DA ESCOLARIZAÇÃO NA VIDA DAS PESSOAS NA SUA OPINIÃO? COMO ISSO PODERIA MELHORAR SUA REALIDADE E DAS PESSOAS EM GERAL?

Estou aconselhando meus filhos a estudarem, assim como meus netos. Eu tenho um neto que precisa estudar para não passar vergonha como eu me sinto. Sinto-me envergonhada por estar na igreja e não conseguir ler a minha Bíblia. No entanto, mesmo não podendo fazer isso, ainda dou muitos conselhos a ele. O estudo é fundamental na vida de uma pessoa, é o que define quem somos. O conhecimento não apenas nos dá saúde, mas também nos torna pessoas

educadas, capazes de receber e tratar bem os outros. Esta é a minha vida e quem eu sou, e é isso que sinto.

OBSERVAÇÃO: Dona Maria é analfabeta e não consegue escrever seu próprio nome, por esse motivo resolvemos pedir a sua autorização para participar da pesquisa por áudio, para não constrange-la.

1 - IDENTIFICAÇÃO

NOME: ANTONIO LAURINDO DOS SANTOS

Idade: 74 anos

Escolaridade: ensino fundamental incompleto

Profissão: Aposentado

Rua: Do campo

Dia da entrevista: 25/10/2023

2 – QUAIS FORAM OS PRINCIPAIS DESAFIOS QUE VOCE ENFRENTOU PARA FREQUENTAR A ESCOLA NA SUA JUVENTUDE?

Primeiro era aquela de você não ter material escolar, tinha que ser muita das vezes dividindo os livros, quem tinha dividia com quem não tinha, que nem o caso mesmo muitas vezes mãe não podia comprar, aí a gente era obrigada a compartilhar com os outros, e aí era aquela, não tinha sala de aula, muitas vezes era uma casa alugada, dos próprios moradores, como não tinha uma sala de aula completa a gente tinha que levar banco, cada um levava seu banco.

2 - POR QUE VOCÊ NÃO TEVE OPORTUNIDADE DE ESTUDAR NA SUA JUVENTUDE?

Eu na minha juventude mesmo sem ter colégio, a gente tinha uma professora do estado, eu agradeço de ter tido uma das melhores professora da região, como não tinha faculdade na época la em Juazeiro, as professoras já saiam formada do Edson Ribeiro, aí elas escolhiam vir para ca, mesmo sem ter escola, as oportunidades foram sendo tirada da gente aos poucos.

3 – COMO A FALTA DA EDUCAÇÃO IMPACTOU SUA VIDA E SUAS OPORTUNIDADES DE TRABALHO?

Sim, essa foi uma das maiores faltas na minha juventude, foi não ter uma formação nem ao menos técnica, porque a gente aqui só tinha a escola como era chamado até o quarto ano o fundamental.

4 - VOCÊ SENTE ALGUM TIPO DE DISCRIMINAÇÃO OU PRECONCEITO POR NÃO TER TIDO ACESSO A EDUCAÇÃO?

Não, eu graças a Deus eu tive a oportunidade de me relacionar bem com o pessoal da cidade, única vez que eu fui discriminado foi aqui na ilha do Rodeadouro mesmo, foi um visitante se fazendo de entendido e vira por que torna, por que tinha faculdade, e eu fui obrigado a dizer a ele que eu não tinha faculdade, mas tinha o quarto primário e sabia bem onde eu pisava.

5 – QUAIS AS DIFICULDADES ESPECIFICAS QUE VOCÊ ENFRENTA ATUALMENTE POR NÃO TER TIDO ACESSO A EDUCAÇÃO?

A dificuldade maior é aquela, as vezes você se relaciona com pessoas que tem um grau bem elevado e muitas vezes você se perde porque você não tem, eu mesmo fico dependendo hoje, que eu sou mais dependente é do inglês, eu gostaria muito de ter aprendido inglês.

6 - VOCÊ JA TENTOU RETORNAR OS ESTUDOS? SE SIM, QUAIS FORAM OS OBSTACULOS ENFRENTADOS? SE NÃO, O QUE TE IMPEDE DE VOLTAR AGORA?

Rapaz eu não tentei não, eu fiquei muitas vezes até pensava de voltar, mas depois eu vi que eu tinha mais que continuar nos trabalhos porque eu tinha a quantidade de filhos elevada aí eu tinha que pensar em uma coisa ou em outra, aí eu ficava mais pelo lado do trabalho.

7 – QUAL A IMPORTANCIA DA ESCOLARIZAÇÃO NA VIDA DAS PESSOAS, NA SUA OPINIÃO? COMO ISSO PODERIA MELHORAR A SUA REALIDADE E DAS PESSOAS EM GERAL?

A escola, é um dos melhores locais para você ter aquilo que se chama Educação, você já leva um pouco da sua educação de casa, mas lá você vai ver que a relação com outras pessoas, e com o ensino das professoras você vai conseguir ter uma vida bem melhor e bem mais relacionada.

1 – IDENTIFICAÇÃO

NOME: CELIA REGINA DA SILVA SANTOS

IDADE: 67 ANOS

PROFISSÃO: APOSENTADA

ESCOLARIDADE: ENSINO FUNDAMENTAL INCOMPLETO

Rua: José Balbino

Dia da entrevista: 23/10/2023

1 – QUAIS FORAM OS PRINCIPAIS DESAFIOS QUE VOCE ENFRENTOU PARA FREQUENTAR A ESCOLA NA SUA JUVENTUDE?

Os obstáculos eram muito, até porque não tinha escola onde a gente morava e a gente tinha que se deslocar caminhando de pés que também não tinha transporte e na escola não tinha nem sequer uma cadeira para a gente sentar a gente tinha que levar o banquinho da gente na cabeça, então os obstáculos eram esses, mas a gente tirava de letra né que a gente já estava acostumada a gente se diverte até com a viagem.

2 - POR QUE VOCÊ NÃO TEVE OPORTUNIDADE DE ESTUDAR NA SUA JUVENTUDE?

A gente não teve oportunidade, eu não tive oportunidade na verdade de estudar na minha Juventude porque naquela época a gente precisava trabalhar ou era estudar ou trabalhar, então meu pai optou pelo trabalho e a gente também tem que trabalhar não é, então a gente não teve oportunidade de estudar na Juventude o problema era esse que a gente tem que trabalhar para ajudar comprar a comida para botar dentro de casa.

3 – COMO A FALTA DA EDUCAÇÃO IMPACTOU SUA VIDA E SUAS OPORTUNIDADES DE TRABALHO?

A falta de estudo na minha vida teve um grande impacto. Mesmo que eu tenha conseguido trabalhar em alguns empregos, na verdade, nunca tive um emprego melhor por causa da falta de estudo. Parei de estudar na quarta série porque não tínhamos condições de eu estudar em Juazeiro. Naquela época, não tínhamos transporte disponível e não tínhamos dinheiro para pagar a passagem. Simplesmente não tínhamos condições, e esse foi o problema

4 - VOCÊ SENTE ALGUM TIPO DE DISCRIMINAÇÃO OU PRECONCEITO POR NÃO TER TIDO ACESSO A EDUCAÇÃO?

Eu nunca senti preconceito e nem discriminação por não ter de tudo graças a Deus, nunca sofri nenhuma das duas coisas, nem preconceito nem discriminação.

5 – QUAIS AS DIFICULDADES ESPECIFICAS QUE VOCÊ ENFRENTA ATUALMENTE POR NÃO TER TIDO ACESSO A EDUCAÇÃO?

Às vezes tem coisas que você tem que ter estudo para resolver, e aí a gente que não tem, tem que estar dependendo dos outros, vai esperar pela boa vontade dos outros. Você não arranja um emprego bom por falta de estudo, que é tudo. Você tem que ter estudo. E eu não tenho. Hoje, eu já estou de idade, mas eu já fui nova também. Então, assim, as dificuldades são essas: a gente perde oportunidades de emprego e muitas coisas por falta de estudo.

6 - VOCÊ JA TENTOU RETORNAR OS ESTUDOS? SE SIM, QUAIS FORAM OS OBSTACULOS ENFRENTADOS? SE NÃO, O QUE TE IMPEDE DE VOLTAR AGORA?

Eu estudei, mas depois não estudei mais. A gente parou, nossa turma parou, por falta de incentivo mesmo. Porque a gente poderia ter ido para Juazeiro, mas à noite a gente trabalha o dia todo, e fica meio carregado para a gente ir, só voltar à tarde, porque o transporte daqui só sai lá pelas 10 e meia da noite. A gente fica sobrecarregado por isso, eu não continuei.

7 – QUAL A IMPORTANCIA DA ESCOLARIZAÇÃO NA VIDA DAS PESSOAS, NA SUA OPINIÃO? COMO ISSO PODERIA MELHORAR A SUA REALIDADE E DAS PESSOAS EM GERAL?

A importância do estudo hoje é muito grande, porque hoje em dia se você não tiver estudo você não vai a lugar nenhum, antigamente a gente ainda podia, a gente vivia ainda sem estudo, mas hoje em dia você tem que ter estudo e para o lugar se desenvolver também, as pessoas tem que ser estudadas também para poder procurar melhoras para pessoa mesmo para o desenvolvimento da comunidade. Para mim hoje o estudo e a educação hoje está em primeiro lugar.

6- VOCÊ JÁ TENTOU RETORNAR OS ESTUDOS? SE SIM, QUAIS FORAM OS OBSTÁCULOS ENCONTRADOS, SE NÃO O QUE TE IMPEDE DE BUSCAR ESSA OPORTUNIDADE AGORA?

Eu nunca consegui, depois dos meus filho ficarem maiores, porque eu já to velha, não tenho mais paciência pra isso, me convidam mas eu não consigo, minha vista também está ruim

e meus ouvidos também, aí eu não tenho condições de me tratar cuidar, aí eu não consegui aí seu também sinto por isso eu não tenho conseguido.

7- QUAL A IMPORTÂNCIA DA ESCOLARIZAÇÃO NA VIDA DAS PESSOAS NA SUA OPINIÃO? COMO ISSO PODERIA MELHORAR SUA REALIDADE E DAS PESSOAS EM GERAL ?

Estou aconselhando meus filhos a estudarem, assim como meus netos. Eu tenho um neto que precisa estudar para não passar vergonha como eu me sinto. Sinto-me envergonhada por estar na igreja e não conseguir ler a minha Bíblia. No entanto, mesmo não podendo fazer isso, ainda dou muitos conselhos a ele. O estudo é fundamental na vida de uma pessoa, é o que define quem somos. O conhecimento não apenas nos dá saúde, mas também nos torna pessoas educadas, capazes de receber e tratar bem os outros. Esta é a minha vida e quem eu sou, e é isso que sinto.

1 – Identificação

Nome: Adilza da Silva Santos

Idade: 48 anos

Profissão: Agricultora

Escolaridade: Ensino Fundamental Incompleto

Endereço: Rua José Balbino

2 – QUAIS FORAM OS PRINCIPAIS DESAFIOS QUE VOCÊ ENFRENTOU AO FREQUENTAR A ESCOLA?

Um dos maiores desafios para frequentar a escola foi ter que sair daqui do Rodeadouro e pegar um carro na BR 210. A gente tinha que sair daqui bem cedinho, porque o rapaz que o pai falou só passava lá e às vezes ele não esperava a gente. Às vezes, tínhamos que depender do que os meninos trouxessem para nós de bicicleta, ou então, uma vez, eu e Cláudia viemos a pé.

3 – POR QUE VOCÊ NÃO TEVE OPORTUNIDADE DE ESTUDAR NA SUA JUVENTUDE?

Não tive oportunidade de estudar na minha juventude porque meus pais não tinham condições de pagar dois lugares para nós ficarmos. Ele tinha que colocar comida dentro de casa, e só havia escola em Juazeiro. Não tinha como eu ir para Juazeiro sem ter com quem voltar todos os dias, e também não tinha com quem morar lá.

4 - COMO A FALTA DE EDUCAÇÃO IMPACTOU SUA VIDA E SUAS OPORTUNIDADES DE TRABALHO?

Hoje em dia, não tanto, mas quando faço uma inscrição para alguma coisa ou tento fazer um cadastro para ter crédito na loja, percebo alguns olhares das pessoas e me sinto um pouco discriminada.

5 – VOCÊ SENTE ALGUM TIPO DE DISCRIMINAÇÃO OU PRECONCEITO POR NÃO TER TIDO ACESSO À EDUCAÇÃO FORMAL?

Sim, porque só estudei até a quinta série. Então, quando vou fazer algum tipo de cadastro, como mencionei antes, sinto-me um pouco inferior. Sempre que quero fazer um cartão de crédito, é difícil explicar devido à falta de estudo.

6 – QUAIS AS DIFICULDADES ESPECÍFICAS QUE VOCÊ ENFRENTA ATUALMENTE POR NÃO TER TIDO ACESSO À EDUCAÇÃO?

A dificuldade que tenho é para manter a saúde. Comi cedo e não tive uma boa alimentação, então meus filhos estudaram. Eu quis colocar meus filhos para estudar.

7 – VOCÊ JÁ TENTOU RETORNAR AOS ESTUDOS? SE SIM, QUAIS FORAM OS OBSTÁCULOS ENCONTRADOS? SE NÃO, O QUE TE IMPEDE DE BUSCAR ESSA OPORTUNIDADE AGORA?

Tentei voltar, mas o cansaço do dia a dia, da luta, me desanimava. Se você já não se sente capaz e não vê sentido, torna-se difícil. Além disso, por aqui não ter ensino médio, só até a quarta série, seria mais fácil se tivesse pelo menos até o terceiro. São vários obstáculos, como o fato de ter casado cedo e ter filhos.

8 – QUAL A IMPORTÂNCIA DA ESCOLARIZAÇÃO NA VIDA DAS PESSOAS, NA SUA OPINIÃO? COMO ISSO PODERIA MELHORAR SUA REALIDADE E A DAS PESSOAS EM GERAL?

Acredito que o estudo é a melhor forma de conseguir algo na vida. Até hoje, na comunidade, o estudo é tudo. Quanto mais você sabe, quanto mais inteligente é, mais oportunidades consegue. O estudo é essencial na vida das pessoas.

1 – IDENTIFICAÇÃO

Nome: Gildete Miranda dos Santos

Idade:38

Escolaridade: Ensino fundamental incompleto

Profissão: Garçonete

Rua: Jose Balbino

Dia da entrevista: 24/10/2023

2 – QUAIS FORAM OS PRINCIPAIS DESAFIOS QUE VOCÊ ENFRENTOU PARA FREQUENTAR A ESCOLA?

A dificuldade que enfrentei para frequentar a escola foi principalmente a distância. Aqui em Rodeadouro, na escola Maria Monteiro Bacelar, só havia ensino até o quinto ano, que antigamente correspondia à quarta série. Após esse período, para continuar estudando, era necessário ir para Juazeiro. O transporte até lá era escasso, havia apenas um ônibus que pegava os alunos perto do campo dos cavalos, além de um carro de Pelé. Naquela época, nem todos os pais tinham condições de pagar a passagem e muitas vezes as coisas não eram fáceis. O desafio de chegar à escola era grande, desde as condições financeiras até as questões básicas como a merenda escolar. Às vezes, saíamos de casa sem tomar café da manhã, na esperança de recebermos a merenda na escola. No entanto, muitas vezes essa merenda não estava disponível e chegávamos em casa famintos. Para mim, o maior desafio foi lidar com essas dificuldades financeiras que afetavam diretamente minha educação.

3 – POR QUE VOCE NAO TEVE OPORTUNIDADE DE ESTUDAR NA SUA JUVENTUDE?

A oportunidade de não ter concluído meus estudos na juventude começou com as condições em que me encontrava. Muito jovem, logo após engravidar, me vi assumindo o papel de pai e mãe para minha filha. Isso tornou tudo ainda mais difícil, especialmente porque só havia uma escola em Juazeiro e precisava sustentar minha família. Foi necessário interromper meus estudos para poder trabalhar e garantir o sustento dela. Mesmo que não tivesse tido minha filha, as dificuldades para frequentar a escola teriam sido grandes. Nossas condições eram precárias, não tínhamos acesso ao transporte escolar como existe hoje em dia. Na minha opinião, a falta de oportunidades para estudar na juventude e não concluir meus estudos foi resultado das circunstâncias em que vivíamos.

4 - COMO A FALTA DE EDUCACAO IMPACTOU SUA VIDA E SUAS OPORTUNIDADES DE TRABALHO?

O impacto da falta de educação em minha vida é significativo. Não ter concluído meus estudos afetou meus sonhos e aspirações. Eu sonhava em ter uma profissão, em me formar e depois cursar uma faculdade ou um curso técnico. Meu desejo era ser técnica de enfermagem e, posteriormente, cursar enfermagem na faculdade. Essa falta de educação teve um impacto profundo em mim. Não consigo nem expressar totalmente o quão grande foi esse impacto. Até hoje, sinto os efeitos dessa falta de oportunidade. Se pudesse voltar atrás, muitas coisas eu mudaria, principalmente em relação aos estudos. A educação é algo que eu valorizo muito e percebo agora o quanto ela é essencial para alcançar meus objetivos e realizar meus sonhos.

5 – VOCÊ SENTE ALGUM TIPO DE DISCRIMINAÇÃO OU PRECONCEITO POR NÃO TER TIDO ACESSO A EDUCAÇÃO?

Sobre a discriminação e o preconceito de não ter tido acesso à educação, isso me atingiu profundamente. No ano passado, me senti muito mal porque uma pessoa, que agora faz parte da alta sociedade, fez uma pergunta que me deixou desconfortável. Eu havia mencionado que parei de estudar no primeiro ano do ensino médio. Então, ela questionou se eu não pensava no futuro, se eu poderia aspirar a cargos políticos ou trabalhos melhores. Fiquei sem graça, mas aceitei o comentário.

Mais tarde, em uma reunião, encontrei duas meninas que estavam estudando agronomia. Quando uma delas mencionou isso, a pessoa que havia me feito a pergunta anteriormente olhou para mim e disse algo como "parabéns, pelo menos você, com mais de 30 anos, está lutando". Senti que aquilo foi uma indireta para mim, insinuando que eu não estava fazendo nada para melhorar minha situação. Isso me fez sentir muito mal, como se eu fosse inferior. Acredito que ela, como alguém ligado à educação, deveria ter agido de forma diferente, incentivando-me a voltar a estudar e a buscar meus objetivos educacionais. Era isso que eu esperava dela.

6 – QUAIS AS DIFICULDADES ESPECÍFICAS QUE VOCÊ ENFRENTA ATUALMENTE POR NÃO TER TIDO ACESSO A EDUCAÇÃO?

As dificuldades que eu sinto por não ter estudado são atualmente evidentes, principalmente devido ao acesso à educação. Não ter terminado meu ensino médio também impacta na minha área de trabalho, onde sou garçom em uma ilha. Eu vejo que hoje em dia, mesmo sendo na área de garçom, eu poderia, por exemplo, ser um maitre. Eu também gosto de gastronomia, então poderia ter feito faculdade nessa área. As dificuldades que eu sinto são muitas, às vezes as oportunidades estão bem diante de mim, mas muitas vezes eu não posso aproveitar porque não terminei meu ensino médio.

7 – VOCÊ JÁ TENTOU RETORNAR OS ESTUDOS? SE SIM, QUAIS FORAM OS OBSTÁCULOS ENCONTRADOS, SE NÃO, O QUE TE IMPEDE DE BUSCAR ESSA OPORTUNIDADE AGORA?

Entendo completamente os desafios que enfrentou ao tentar retornar aos estudos. Eu também tentei voltar. Inicialmente, fiz o supletivo do sétimo e oitavo ano no Alfredo Viana e depois me matriculei no Rui Barbosa. No entanto, consegui permanecer apenas durante a primeira unidade. Os obstáculos eram muitos, principalmente os financeiros, como custos de transporte. Além disso, eu precisava trabalhar para me sustentar e não podia parar.

Foi uma luta equilibrar o trabalho durante a semana com os estudos. Os desafios eram constantes e, no final, tive que tomar uma decisão difícil. Ou eu parava de estudar para garantir meu sustento, colocar comida na mesa, ou continuava estudando e passava por dificuldades financeiras, enfrentando a fome. Foi uma escolha difícil, mas, naquele momento, a necessidade imediata de sobrevivência falou mais alto.

8- QUAL A IMPORTÂNCIA DA ESCOLARIZAÇÃO NA VIDA DAS PESSOAS, NA SUA OPINIÃO? COMO ISSO PODERIA MUDAR SUA REALIDADE E DAS PESSOAS EM GERAL?

A importância da escola na vida de uma pessoa é indiscutível. Não há palavras que possam descrever a diferença que o estudo faz. Desde o ensino fundamental até a faculdade, a oportunidade de emprego traz uma sensação de alívio e descanso. Na minha opinião, o estudo é tudo. Sem ele, não se é nada. Eu poderia ter terminado meus estudos e melhorado minha vida. Como sou, como me vejo, não consigo expressar completamente o valor do estudo. É algo que muda completamente a vida de alguém.

Hoje em dia, vejo jovens com oportunidades, tanto meninas quanto meninos, que trabalham duro e conseguem empregos. Fico feliz ao ver isso. Também vejo pessoas que, depois de terem filhos, decidem retornar aos estudos ou até mesmo fazer uma faculdade. Isso me traz uma alegria imensa, não apenas por mim, já que não completei meus estudos, mas por elas. Admiro a atitude delas em buscar sua profissão e sua felicidade. É algo que algumas pessoas não conseguem entender, mas para mim, é uma fonte de grande felicidade.

TERMOS DE LIVRE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa intitulada "A importância da Escolarização para a comunidade do Rodeadouro", sob a responsabilidade das pesquisadoras Ana Célia Santos Félix e Cassia da Silva Santos, orientada pela Profa. Ms. Rita Cristina Novais Rios, a qual pretende conhecer a importância da escolarização para os moradores da comunidade. Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevistas semiestruturadas, onde utilizaremos áudios de gravação. Não há riscos de forma psíquica, social, religiosa ou cultural através de sua participação. Se o/a Sr (a) aceitar participar, as respostas obtidas por esta pesquisa poderão contribuir para esse estudo, buscando o avanço e melhorias das políticas públicas para a comunidade. Se depois de consentir a sua participação o/a Sr. (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O/a Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração referente a esta pesquisa. Entretanto, caso o/a Sr. (a) tenha alguma despesa decorrente desta pesquisa será totalmente ressarcido/a pelo pesquisador/a responsável. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o/a pesquisador/a no seguinte endereço: Universidade do Estado da Bahia - Av. R. Edgar Chastinet, s/n - São Geraldo, Juazeiro - BA, 48900-000, pelo telefone (74)98120-6562, ou ainda pelo e-mail: anacelia.felix19@gmail.com

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Eu, Antonio Baurinho dos Santos, fui informado sobre o que o/a pesquisador/a quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar da pesquisa, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias originais, as quais serão assinadas por mim e pelo/a pesquisador/a, ficando uma via com cada um de nós.

Antonio Baurinho dos Santos
Assinatura do/da participante da pesquisa

Cássia da Silva Santos
Assinatura do Pesquisador responsável

Juazeiro - BA Data: 16 / 09 / 2023

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa intitulada "A importância da Escolarização para a comunidade do Rodeadouro", sob a responsabilidade das pesquisadoras Ana Célia Santos Félix e Cassia da Silva Santos, orientada pela Profª. Ms. Rita Cristina Novais Rios, a qual pretende conhecer a importância da escolarização para os moradores da comunidade. Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevistas semiestruturadas, onde utilizaremos áudios de gravação. Não há riscos de forma psíquica, social, religiosa ou cultural através de sua participação. Se o/a Sr (a) aceitar participar, as respostas obtidas por esta pesquisa poderão contribuir para esse estudo, buscando o avanço e melhorias das políticas públicas para a comunidade. Se depois de consentir a sua participação o/a Sr. (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O/a Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração referente a esta pesquisa. Entretanto, caso o/a Sr. (a) tenha alguma despesa decorrente desta pesquisa será totalmente ressarcido/a pelo pesquisador/a responsável. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o/a pesquisador/a no seguinte endereço: Universidade do Estado da Bahia - Av, R. Edgar Chastinet, s/n - São Geraldo, Juazeiro - BA, 48900-000, pelo telefone (74)98120-6562, ou ainda pelo e-mail: anacelia.felix19@gmail.com

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Eu, Gildete Miranda dos Santos fui informado sobre o que o/a pesquisador/a quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar da pesquisa, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias originais, as quais serão assinadas por mim e pelo/a pesquisador/a, ficando uma via com cada um de nós.

Gildete Miranda dos Santos

Assinatura do/da participante da pesquisa

Ana Célia Santos Félix

Assinatura do Pesquisador responsável

Juazeiro - BA Data: 16/09/2023

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa intitulada "A importância da Escolarização para a comunidade do Rodeadouro", sob a responsabilidade das pesquisadoras Ana Célia Santos Félix e Cassia da Silva Santos, orientada pela Profa. Ms. Rita Cristina Novais Rios, a qual pretende conhecer a importância da escolarização para os moradores da comunidade. Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevistas semiestruturadas, onde utilizaremos áudios de gravação. Não há riscos de forma psíquica, social, religiosa ou cultural através de sua participação. Se o/a Sr (a) aceitar participar, as respostas obtidas por esta pesquisa poderão contribuir para esse estudo, buscando o avanço e melhorias das políticas públicas para a comunidade. Se depois de consentir a sua participação o/a Sr. (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O/a Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração referente a esta pesquisa. Entretanto, caso o/a Sr. (a) tenha alguma despesa decorrente desta pesquisa será totalmente ressarcido/a pelo pesquisador/a responsável. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o/a pesquisador/a no seguinte endereço: Universidade do Estado da Bahia - Av. R. Edgar Chastinet, s/n - São Geraldo, Juazeiro - BA, 48900-000, pelo telefone (74)98120-6562, ou ainda pelo e-mail: anacelia.felix19@gmail.com

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Eu, Belia Regina da Silva Santos, fui informado sobre o que o/a pesquisador/a quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar da pesquisa, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias originais, as quais serão assinadas por mim e pelo/a pesquisador/a, ficando uma via com cada um de nós.

Belia Regina da Silva Santos

Assinatura do/da participante da pesquisa

Ana Belia Santos Felix

Assinatura do Pesquisador responsável

Juazeiro - BA Data: 16 / 09 / 2023

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa intitulada "A importância da Escolarização para a comunidade do Rodeadouro", sob a responsabilidade das pesquisadoras Ana Célia Santos Félix e Cassia da Silva Santos, orientada pela Profa. Ms. Rita Cristina Novais Rios, a qual pretende conhecer a importância da escolarização para os moradores da comunidade. Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevistas semiestruturadas, onde utilizaremos áudios de gravação. Não há riscos de forma psíquica, social, religiosa ou cultural através de sua participação. Se o/a Sr (a) aceitar participar, as respostas obtidas por esta pesquisa poderão contribuir para esse estudo, buscando o avanço e melhorias das políticas públicas para a comunidade. Se depois de consentir a sua participação o/a Sr. (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O/a Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração referente a esta pesquisa. Entretanto, caso o/a Sr. (a) tenha alguma despesa decorrente desta pesquisa será totalmente ressarcido/a pelo pesquisador/a responsável. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o/a pesquisador/a no seguinte endereço: Universidade do Estado da Bahia - Av. R. Edgar Chastinet, s/n - São Geraldo, Juazeiro - BA, 48900-000, pelo telefone (74)98120-6562, ou ainda pelo e-mail: anacelia.felix19@gmail.com

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Eu, Adilza da Silva Santos, fui informado sobre o que o/a pesquisador/a quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar da pesquisa, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias originais, as quais serão assinadas por mim e pelo/a pesquisador/a, ficando uma via com cada um de nós.

Adilza da Silva Santos

Assinatura do/da participante da pesquisa

Cássia da Silva Santos

Assinatura do Pesquisador responsável

Juazeiro - BA Data: 16 / 09 / 2023

QUADRO DE ESTADO DA ARTE

Título e ano	Autor(es)	Questão principal	Metodologia
A educação no quilombo e os saberes do quilombo na escola, 2012.	Patricia Gomes Rufino Andrade	A obra discute a Educação Quilombola no Estado do Espírito Santo, com foco na comunidade quilombola de Monte Alegre. A autora busca compreender as vivências dos sujeitos na escola e na comunidade, explorando os processos culturais que contribuem para a constituição e afirmação da negritude.	A metodologia utilizada envolveu a coleta de narrativas dos sujeitos na comunidade, buscando entender os processos culturais e a formação da identidade negra
O itinerário investigativo: a etnopesquisa crítica/formação	Maria da Conceição Alves Ferreira e Talamira Talita Rodrigues Brito	O artigo explora como a etnopesquisa crítica/formação pode ser aplicada como método para compreender os movimentos de horizontalidade em grupos sociais, especialmente na área da educação. A questão central é como essa abordagem pode contribuir para a formação de professores e ampliar nossa compreensão dos sujeitos envolvidos.	O itinerário inclui procedimentos metodológicos, seleção de sujeitos participantes e formação de encontros dialogais. Os pesquisadores utilizam registros etnográficos sistemáticos, como observação participante, notas de campo, diário de campo e entrevistas semiestruturadas. O objetivo é compreender as realizações dos sujeitos a partir de seus próprios pontos de vista.

Análise de Conteúdo	Laurence Bardin	O texto explora como realizar a análise de conteúdo, especialmente em pesquisas qualitativas. Bem como extrair significados e padrões de dados textuais ou visuais.	A análise de conteúdo envolve a classificação sistemática de elementos em um conjunto. Os critérios são definidos previamente para agrupar elementos por semelhança. É aplicada a textos, imagens, entrevistas, discursos, etc.
Educação Escolar Quilombola: Um olhar sobre a Educação de Jovens e Adultos na Comunidade Quilombola de Gavião, 2022	Leilane Santos Jorge	O estudo investiga os motivos que têm impedido a alfabetização e conclusão do Ensino Fundamental I dos moradores mais velhos da comunidade quilombola de Gavião.	A pesquisa analisa a escolaridade dos participantes. Utiliza instrumentos de coleta de dados para compreender os desafios enfrentados pelos moradores na EJA. Apresenta e analisa os resultados obtidos.
Os desafios da Educação Quilombola no Brasil: O território como contexto e texto, 2017.	Lourdes de Fatima Bezerra Carril	O texto analisa o significado e as formas que a educação pode assumir no contexto da singularidade territorial quilombola. Explora os desafios enfrentados pela educação nesse contexto.	A pesquisa considera a territorialidade como elemento central. Examina como o território quilombola influencia a educação. Utiliza abordagens qualitativas e estudos de caso
As perspectivas teóricas e práticas da EJA na legislação brasileira após os anos 2000: aproximações e limites com o pensamento educacional de Paulo Freire	Natalia Aparecida Máximo Cardoso	O estudo analisa como as políticas de EJA se relacionam com a formação técnica para o trabalho e a formação humana. Explora as aproximações e limites entre essas perspectivas.	Utiliza uma abordagem crítico-interpretativa. Baseia-se nos documentos das Diretrizes Curriculares Nacionais de EJA, com foco no Parecer 11/2000 e na resolução CNE/CEB/2000. Considera a relação entre a formação

			técnica e humanística. Referencia as obras de Paulo Freire, como a Pedagogia do Oprimido e Cartas a Guiné Bissau.
O preconceito contra o analfabeto	Maria Clara di Pierro e Ana Maria Galvão	O texto aborda o preconceito enfrentado pelos analfabetos. Ele busca valorizar a cultura e o conhecimento desses indivíduos, discutindo como a educação no Brasil ainda precisa ser aperfeiçoada para proporcionar mais acesso ao conhecimento e oportunidades de vida.	
Pedagogia do oprimido	Paulo Freire	O livro discute a luta pela desalienação, pelo trabalho livre e pela afirmação dos seres humanos como pessoas, e não coisas. Além disso, Freire estimula o debate sobre formas alternativas para que nos tornemos seres capazes de estabelecer um diálogo verdadeiro, transformador do mundo.	

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Patrícia Gomes Rufino. **A educação no quilombo e os saberes do quilombo na escola**. Dissertação (Trabalho de Conclusão de Curso). Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGE/CE/UFE). 2012

ARAGÃO, G.C.; MENDES, L.V.S.; OLIVEIRA, N.M.; GUENA, M. **O Blog Quilombos e Sertões: uma análise quali-quantitativa de uma proposta de ciberativismo**. In: Iniciacom, v. 11, n. 03, 2022.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011, 229 p

BRASIL. **Constituição** (1988). Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: . Acesso em: 26 out. 2023.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: . Acesso em: 26 out. 2023.

CARDOSO, Natalícia Aparecida Máximo. **As perspectivas teóricas e práticas da EJA na legislação brasileira após os anos 2000: aproximações e limites com o pensamento educacional de Paulo Freire**. 2020.

CARRIL, Lourdes de Fátima Bezerra. **Os desafios da educação quilombola no Brasil: o território como contexto e texto**. Revista Brasileira de Educação, v. 22, p. 539-564, 2017.

DANTAS, T.R; OLIVEIRA, M.O.M. **A Obra de Paulo Freire: contribuições para uma experiência em EJA na pós-graduação**. Paulo Freire, p. 41. 2020.

FERNANDES, J.R.; ALMEIDA, M.E.B.; NOGUEIRA, M.F.; TRONCO, M.C.S. **Educação de pessoas jovens e adultas, letramentos e tecnologias no Brasil: Políticas e brechas históricas**. Education Policy Analysis Archives, v. 31, 2023.

FERREIRA, A.R.C. **Paulo Freire e sua influência na constituição de um curso de EJA**. Olhares: Revista do Departamento de Educação da Unifesp, v. 9, n. 3, 2021.

FERREIRA, F.F CUNHA, N.B **Desafios e evolução da EJA no Brasil**. Revista Uningá, v. 40, n. 1, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 23.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. **Certidão de Autodefinição como Remanescente de Comunidade Quilombola - Rodeadouro - Juazeiro/BA**. Disponível em: . Acesso em: 26 out. 2023.

GOMES, Nilma Lino. **Educação quilombola: identidade e diversidade cultural na escola**. Revista Brasileira de Educação, v. 15, n. 45, p. 545-556, set./dez. 2010. Disponível em: . Acesso em: 26 out. 2023

JORGE, Leilane Santos. **Educação escolar quilombola: um olhar sobre a Educação de Jovens e Adultos na Comunidade Quilombola de Gavião.** Dissertação (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação (FACED), 2022

LARCHERT, Jeanes Martins; DE OLIVEIRA, Maria Waldenez. **Panorama da educação quilombola no Brasil.** Políticas Educativas–PolEd, v. 6, n. 2, 2013.

NEVES, A.S.; FREITAS, K.T.; AMORIM, A.; LEPIKSON, M.F.P **na perspectiva da educação em direitos humanos:** Implicações no contexto social. Revista Mbote, v. 1, n. 1, p. 01-19, 2020.

REIS FERNANDES, M.V; SOARES, M.A. **Paulo Freire na EJA:** uma pedagogia emancipadora para os esfarrapados do mundo. Revista de Educação Popular, v. 20, 2021.

SANTOS, D.M.; ARAÚJO, N.A. **Mobilização, reconhecimento identitário e o acesso a políticas públicas pela Comunidade Quilombola Alagadiço no município de Juazeiro-BA.** Raízes: Revista de Ciências Sociais e Econômicas, v. 40, n. 1, p. 1-23, 2020.

VENTURA, J.P; OLIVEIRA, F.G. **A travessia “do EJA” ao Encejeja:** Será o mercado da educação não formal o novo rumo da EJA no Brasil?. Revista Internacional de Educação de Jovens e Adultos, v. 3, n. 5, p. 80-97, 2020.